



atos

do conselho geral

ano LXXXI julho-setembro 2000

Nº 372

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 372 ano LXXXI julho-setembro 2000

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI A CAMINHO DO 25º CAPÍTULO GERAL3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Roteiro de preparação ao Capítulo Geral 25 38 2.2 Roteiro de reflexão 40 2.3 Os Capítulos Inspetoriais 61 2.4 Normas para as eleições 66 2.5 Trabalhos da comissão técnica preparatória 79
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 80 4.2 Crônica do Conselho Geral 83
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Novos Inspetores 99 5.2 Novos Bispos 100 5.3 Irmãos falecidos (2000 - 2º elenco) 103

Tradução: *P. José Antenor Velho*

SALE  IANAS
EDITORA/GRÁFICA

Rua Dom Bosco, 441
03105-020 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 279-0329
Fax/Vendas: (11) 279-4084
Telex: (11) 32 431 ESPS BR
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br
Home page: <http://www.salesianos.org.br>

A CAMINHO DO 25º CAPÍTULO GERAL

1. CONVOCAÇÃO - A hora do CG25 - O nosso caminho. - **2. O TEMA DO CG25** - A comunidade salesiana. - "Hoje". - As principais referências. - A vida fraterna. - O testemunho evangélico. - A presença animadora entre os jovens. - A graça de unidade. - **3. ALGUMAS CONDIÇÕES PARA A ANIMAÇÃO DA COMUNIDADE SALESIANA HOJE** - O ministério do diretor. - A formação permanente na vida cotidiana. - **4. CONVITE ÀS INSPETORIAS.**

*Roma, 11 de junho de 2000
Solenidade de Pentecostes*

Queridos irmãos,

Estamos percorrendo frutuosamente o caminho jubilar que nos tínhamos proposto. Recebo a confirmação disso de numerosos irmãos e comunidades, e vejo a sua incidência sobre os jovens. A Reconciliação, a Eucaristia, a proposta de espiritualidade juvenil, a orientação da Família Salesiana para a comunhão em vista da missão, a expedição missionária extraordinária reavivaram dimensões fundamentais do nosso carisma num momento histórico, rico de desafios e não isento de dificuldades.

Aproxima-se, no coração do acontecimento jubilar, um

prazo previsto pelo nosso Projeto de vida, as Constituições, para ajudar-nos a crescer como indivíduos e como comunidade em simbiose com a Igreja, e a responder aos sinais que o Senhor nos dá: a convocação do Capítulo Geral.

Sabe-se que não se trata apenas de um compromisso jurídico: “O Capítulo Geral é o sinal principal da unidade na diversidade da Congregação”¹. Empenha a Congregação e cada Inspetoria, por um não breve período de tempo, no esforço de revisão, renovação da compreensão das exigências do carisma e adequação às circunstâncias em que ele se deve exprimir. Marca, então, o nosso caminho de renovação constante. No-lo diz a experiência dos últimos trinta anos.

Encontrar-nos-emos como irmãos de todo o mundo e em todo o mundo para repensar a nossa fidelidade ao Evangelho, a Dom Bosco e aos tempos. A Congregação colocar-se-á inteiramente em atitude de docilidade ao Espírito do Senhor, buscando “conhecer, em determinado momento da história, a vontade de Deus para melhor servir à Igreja”².

O Capítulo Geral, entendido como esforço comunitário, chega sempre, seja qual for o tema examinado, aos entroncamentos vitais da identidade, da unidade, da significatividade da presença salesiana.

O Senhor, por meio de sinais e acontecimentos endereçados, como Congregação, o convite do Apocalipse: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”³. Trata-se de um encorajamento grávido de esperança, que comporta, porém, um apelo urgente à fidelidade simples e genuína nas situações novas que hoje nos interpelam.

¹ C 146

² Ib

³ Ap 2,7

Convém estar conscientes do valor do Capítulo Geral, sentir-se co-responsáveis de seus sucessos, participando na oração comum e envolvendo-se ativamente na reflexão da própria Inspetoria.

1. CONVOCAÇÃO

Com esta carta, entendo convocar o CG25, de acordo com o artigo 150 das Constituições. Ele será realizado na Casa Geral de Roma, Via della Pisana 1111, e terá início em 24 de fevereiro de 2002. Seu regulador é o P. Antonio Domenech, Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil.

A finalidade específica⁴ do CG25, no interior das finalidades gerais de animação, orientação e governo, próprias de cada Capítulo Geral, é aprofundar e chegar a critérios comuns sobre um aspecto essencial da nossa vida, a respeito do qual a Congregação tem-se demonstrado particularmente atenta e preocupada.

Definimos e circunscrevemos esse aspecto com as expressões: **“A comunidade salesiana hoje: a vida fraterna, o testemunho evangélico, a presença animadora entre os jovens”**.

O tema resultou de uma ampla reflexão do Conselho Geral sobre as atuais orientações da Igreja, as características da cultura, as linhas de renovação da vida consagrada e o caminho que a nossa Congregação vem percorrendo nos últimos anos.

O Conselho Geral individualizou, em janeiro de 2000, no primeiro aprofundamento, algumas áreas temáticas que, por meio das visitas extraordinárias, visitas de conjunto e outros encontros, apareciam como as mais sentidas, fecundas e necessitadas de intervenção. Essas áreas temáticas foram:

- A Comunidade Salesiana no novo modelo pastoral⁵.

⁴ cf. R 111

⁵ cf. C 49. 51

- A nossa capacidade de propor a vocação salesiana hoje: “Vem e vê”⁶.

- Uma presença significativa entre os jovens: “Entre vós me acho bem”⁷.

- A “graça de unidade” em nossa vida hoje⁸.

O resultado da revisão sintética sobre a vida da Congregação foi enviado aos Inspectores para que, com seus Conselhos, indicassem a prioridade entre os pontos individualizados ou indicassem outros. Eles, na grande maioria, escolheram o primeiro tema, considerando-o em estrita conexão com as orientações práticas dos CG 23 e 24.

Acrescenta-se a este, que é a primeira e principal finalidade, o de dar cumprimento a uma orientação operativa do CG24, pedindo ao Reitor-Mor e ao seu Conselho que estudassem “a maneira de fazer uma revisão mais profunda das estruturas do governo central, envolvendo os Capítulos Inspetoriais em vista do CG25”⁹.

É, também, finalidade do CG25 eleger o Reitor-Mor e os membros do Conselho Geral para o período 2002-2008. Trata-se de uma responsabilidade de projeção histórica para o serviço de unidade e orientação que eles são chamados a prestar.

Todos os irmãos podem e devem participar co-responsavelmente na eleição que os capitulares farão, por meio da oração constante e intensa, para que o Senhor dê à Congregação a guia de que necessita o atual momento da Igreja, do mundo e dos jovens.

A “Comissão Técnica”, nomeada de acordo com o art. 112 dos Regulamentos, já trabalhou com o Regulador a

⁶ cf. C 16. 37

⁷ cf. C 14. 39

⁸ cf. C 3. 24

⁹ CG24, 191

fim de preparar o itinerário para que a reflexão das Inspetorias se desenvolva em tempos úteis e nas formas adequadas, e suas contribuições sejam enviadas à Direção Geral de modo também tecnicamente apropriado. Elaborou um subsídio que esclarece a importância do tema e precisa a sua organização. O subsídio, incluído no presente número dos Atos foi pensado, juntamente com as indispensáveis orientações jurídicas¹⁰, como meio de sensibilizar as Inspetorias e orientá-las no desenvolvimento de seus Capítulos.

“A hora” do CG25

Este será o primeiro Capítulo Geral do terceiro milênio. O Papa convidou a Igreja e a humanidade, no decurso do Jubileu que celebra os dois mil anos da Encarnação do Filho de Deus, a centralizar o olhar na pessoa de Cristo, renovar a mentalidade, empenhar-se com ardor numa nova evangelização, assumir as novas dimensões da comunhão e torná-la mais evidente como o primeiro sinal evangélico.

A preparação e realização do CG25 serão para nós um tempo de graça, uma oportunidade extraordinária para fazer frutificar os dons e as instruções do Jubileu.

Os Sínodos continentais e os da Igreja universal, celebrados no amplo contexto do Jubileu, fizeram um apelo urgente à vida consagrada para que continue a renovar-se, sendo mais eloqüente e significativa para os homens de hoje.

Ela é um acontecimento tudo mais que secundário na evangelização de cada contexto. É convidada, pois, a viver com maior intensidade a adesão pessoal e comunitária a Cristo

¹⁰ cf. R 112

Salvador; assumir o trabalho em vista de uma santidade capaz de falar ao homem de hoje; produzir, por meio das comunidades, um testemunho significativo de vida fraterna; empenhar-se numa evangelização capaz de dialogar com a sociedade e a cultura, sendo nela fermento, profecia e instância crítica.

A expressão máxima e concentrada deste apelo é o Sínodo sobre a vida consagrada e a correspondente Exortação Apostólica *Vita Consecrata*. Acenos significativos, porém, podem ser encontrados nos Sínodos continentais e nas respectivas Exortações¹¹, como também nos que se referem aos leigos e aos pastores.

Por trás dessas indicações está em ação, nos Institutos religiosos, uma ampla reflexão e a vivaz busca de renovação. São seus sinais os aprofundamentos e estudos feitos nos últimos anos pela União dos Superiores Gerais (USG) sobre o tema da refundação da vida religiosa, sua recolocação na comunhão eclesial e nos contextos sociais, sua inculturação nas diversas áreas geográficas.

Imersos num mundo pluralista em todos os pontos de vista, muitas vezes agitado e distraído, os religiosos assoberbados, às vezes, por múltiplas e obsessivas tarefas devem retornar às fontes da própria vocação, verificar serenamente a qualidade evangélica da própria vida, confirmar o empenho da própria consagração, para testemunhar com alegria o absoluto de Deus, ou seja, que o Senhor é o Amor capaz de preencher o coração da pessoa humana e o ponto indispensável de referência e de chegada para que a vida humana seja tal.

A situação crítica de alguns Institutos religiosos, em grande parte ligada ao desequilíbrio entre trabalhos de administração,

¹¹ cf. *Ecclesia in America*, 43; *Ecclesia in Africa*, 94; *Ecclesia in Asia*, 44

qualidade de vida e capacidade vocacional, exige hoje uma reorientação para as experiências da fé e as fontes do carisma, a fim de ser testemunhas visíveis e transparentes do Deus que se manifestou em Jesus Cristo.

Por outro lado, as novas formas de vida consagrada, por meio das quais o Espírito está despertando a Igreja, manifestam que a radicalidade evangélica ainda fala eloqüentemente ao homem.

As urgentes e dramáticas situações de pobreza e opressão em que vivem milhões de pessoas, as novas pragas surgidas como consequência da globalização são um desafio à Vida Consagrada a renovar os carismas com criatividade, para ser sinal profético e eficaz de liberdade e doação.

A Vida Consagrada só poderá manter-se em pé nestes tempos se, como a casa construída sobre a rocha, for cimentada na adesão incondicional a Jesus Cristo, ancorada nas opções evangélicas que a levam a assumir as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres do nosso tempo, colocando-se nas fronteiras da missão eclesial.

Ponto decisivo neste processo de recolocação eclesial, cultural e social, é a qualidade da vida fraterna, segundo um modelo significativo e profético de comunidade, do qual sentimos urgência, embora todos os seus traços ainda não sejam vistos com clareza. A experiência de comunhão dos consagrados é considerada não como graça individual, mas carisma dinamizador da comunhão eclesial no âmbito das próprias comunidades cristãs e, também, na linha do encontro ecumênico, do diálogo inter-religioso e, ainda, da reconciliação e acolhida entre as pessoas e grupos.

Percebe-se, também em nossa Congregação, esta forte tensão para uma renovação que exprima a nossa vocação com mais vivacidade. Muitas Inspetorias, nos últimos tempos, têm buscado caminhos concretos para ajudar as comunidades a

viverem com maior clareza e fidelidade o estilo salesiano de família, as dimensões da nossa espiritualidade e uma presença renovada entre os jovens. Existem experiências e caminhadas positivas e promissoras, mas também não poucas preocupações porque as situações mudaram, enfraqueceram-se alguns apoios e modalidades que nos ajudavam a viver os diversos aspectos da nossa vida consagrada em unidade e serenidade.

Isso cria entre os irmãos uma insatisfação difusa, que faz surgir a vontade de maior autenticidade humana, de profundidade espiritual e de coerência vocacional mais radical. A resposta das Inspetorias, que privilegia o tema da comunidade salesiana como o mais urgente e necessário no momento, reflete justamente este desejo.

É uma exigência autorizada, que devemos discernir juntos. Iniciando o novo milênio, somos chamados a viver com maior significatividade, alegria e transparência a nossa fraternidade em Cristo, também como resposta às aspirações profundas do nosso coração¹², para ser realmente sinais do amor de Deus entre os jovens, centros de animação espiritual da CEP e da Família Salesiana.

Dão-se, na sociedade e na cultura, fenômenos de largo respiro, que interpelam a nossa vida religiosa sobre o modelo humano que propomos e o trabalho educativo e de evangelização que desenvolvemos. A globalização, já afirmada em campo econômico, estende-se sempre mais a outras dimensões da vida social: os problemas mundializam-se e tornam-se interdependentes.

O desenvolvimento de sociedades interétnicas, interculturais e inter-religiosas e, ao mesmo tempo, o surgimento de nacionalismos excludentes, a afirmação de integralismos religiosos interpelam-nos sobre a capacidade de convivência e diálogo.

¹² cf. C 49

A comunicação de massa e a informática produzem uma nova mentalidade, exigem modalidades de relação, criam novas exigências educativas e formativas. O diálogo torna-se, de fato, mais difícil e complexo, quase caótico; a relação pode tornar-se impessoal. Difundem-se, então, paradoxalmente, uma sensação de solidão e isolamento e uma busca de “encontro” e partilha cujas manifestações, em campo juvenil, social e eclesial nos são conhecidas e temos freqüentemente comentado.

Nesse contexto, a nossa fraternidade pode ser estímulo e profecia.

O nosso caminho

Os últimos Capítulos Gerais formularam orientações e propostas orgânicas para a educação dos jovens à fé¹³ e a participação dos leigos na missão salesiana¹⁴.

As Inspetorias, ao realizar essas propostas, empenharam-se em dar vida a comunidades educativo-pastorais, com atenção particular à situação juvenil atual, sobretudo em relação à insatisfação e marginalização, elaborando juntos projetos educativos pastorais, organizando e qualificando a animação inspetorial da pastoral juvenil, pensando caminhos de formação para os colaboradores e animadores, colocando em ação diversas experiências de co-responsabilidade de leigos na gestão das obras.

Multiplicaram-se, também nestes anos, as frentes de trabalho, e numerosas obras ficaram mais complexas, enquanto muitas comunidades foram reduzidas e aumentou nelas o número dos anciãos. As tarefas pastorais e de administração tornaram-

¹³ cf. DG23

¹⁴ cf. CG24

se múltiplas e mais pesadas. A presença ativa dos leigos, que são a maioria, o novo papel de animação atribuído à comunidade religiosa salesiana na CEP e na elaboração do PEPS criam nas comunidades religiosas salesianas incertezas e interrogativos, particularmente quanto à própria experiência espiritual e às condições racionais do seu trabalho.

Refletiu-se nas Visitas de Conjunto, sobre o modelo pastoral que exige o componente salesiano como grupo animador. Viuse que a qualidade da vida desse grupo é fator determinante e motor da totalidade; parte-se dele e a ele retorna-se sempre; concentram-se em sua vida cotidiana as grandes expectativas de significatividade, animação e incidência apostólica.

A comunidade salesiana é, de fato, o sujeito ao qual se confia a realização das importantes deliberações dos dois últimos Capítulos Gerais. O caminho de fé a propor aos jovens e a trilhar com eles exige o testemunho de uma comunidade que se renova continuamente¹⁵ e a inserção dessa comunidade no contexto e no mundo juvenil com uma nova qualidade pastoral¹⁶.

A animação da comunidade educativa e da Família Salesiana¹⁷ supõe, ao mesmo tempo, um núcleo salesiano que viva fraternalmente, trabalhe solidariamente e mantenha constantemente adequados os próprios critérios de intervenção.

O P. Viganó escrevia, comentando o Sínodo sobre a Vida Consagrada: “Tanto a educação dos jovens à fé (CG23), quanto o envolvimento de muitos leigos no espírito e na missão de Dom Bosco (CG24) exigem que concentremos nossos esforços de formação permanente na intensificação da *vida no Espírito* e no cuidado prioritário da *vida fraterna em comunidade*. O caminho para o terceiro milênio passa por aqui:

¹⁵ cf. CG23, 219-224

¹⁶ cf. CG23, 225-231

¹⁷ cf. CG23, 232-238

trata-se de um momento germinal para entrar nele com autenticidade”¹⁸.

São análogas as motivações oferecidas pelas Inspetorias, em vista da escolha do tema do próximo Capítulo, e as problemáticas que indicaram como as que mais preocupam e interpelam.

Afirma-se, com efeito, de muitas partes, que a cultura hodierna desafia a nossa vida comunitária, quer do ponto de vista do estilo, quer da significatividade evangélica. Sublinha-se, nesse sentido, a solicitude pelas comunidades salesianas em situações de precariedade pelo número reduzido de irmãos, pela idade média avançada ou pela dispersão em muitas frentes de trabalho.

Insiste-se sobre a importância da animação da comunidade, de modo especial sobre o papel do Diretor e do Conselho. Insiste-se, ainda, na necessidade de formação do salesiano jovem e também adulto (formação inicial e permanente) para enfrentar os nós das relações cotidianas baseadas na seqüela de Cristo e inserir-se positivamente em comunidades submetidas às tensões enunciadas acima. Pede-se ainda uma reflexão sobre as possíveis novas formas de comunidade segundo o nosso carisma.

2. O TEMA DO CG25

A Comunidade Salesiana

O tema do CG25 centraliza a reflexão no sujeito da missão educativa e pastoral. Quer verificar as condições de vida e ação que podem favorecer uma experiência alegre e encorajadora da vocação, uma existência que seja testemunho e profecia, num ambiente que se torne apelo vocacional, escola de espiritualidade, fator de comunhão e animação para todos os que com-

¹⁸ ACG351, p. 31

partilham conosco do espírito e da missão de Dom Bosco.

Não se trata, portanto, como alguém poderia pensar depois de uma leitura rápida e superficial do enunciado, de voltar o olhar para nós mesmos, distraíndo-o dos jovens e dos leigos. Pelo contrário, examinamos muito mais, do ponto de vista operativo, aquilo que os últimos Capítulos Gerais indicaram sobre a missão entre os jovens e os leigos.

A nossa vida de comunidade é o primeiro dom a oferecer aos jovens, o sinal evangélico mais imediato e específico que precede e acompanha cada uma de nossas ações pastorais¹⁹.

O objetivo do CG25 não é tanto o que a comunidade e os irmãos ainda devem fazer pelos jovens, mas o que devem ser e viver hoje por eles e com eles. O olhar deve ir, primeiramente, ao que somos e vivemos, do ponto de vista evangélico, para agir mais eficazmente em favor dos destinatários de nossa missão.

Trata-se de fazer uma revisão da nossa vida comunitária com *o espírito e a metodologia do discernimento evangélico*, para descobrir modalidades de fraternidade salesiana, capazes de responder às exigências da seqüela de Cristo e da missão, como elas foram apresentadas pelos últimos documentos eclesiais e Capítulos Gerais e como brotam das intervenções educativas e pastorais que experimentamos nos últimos anos.

“Hoje”

Esta palavra, que se quis no enunciado do tema, sublinha o pressuposto e a consciência de que nos encontramos em novo contexto, cujas características é indispensável entender em seus riscos, exigências e possibilidades.

“Hoje” contém uma referência à situação atual da Igreja,

¹⁹ cf. C 50. 57; *A vida fraterna em Comunidade*, 54

empenhada na nova evangelização na qual a vida consagrada tem um papel de testemunho e anúncio, específico e insubstituível.

O hoje refere-se à situação do mundo, sobretudo do mundo dos jovens, que exige pessoas que sejam provas críveis e significativas de um novo modo de viver e relacionar-se em sociedades interétnicas, interculturais, inter-religiosas, pluralistas, livres, fragmentadas. O hoje faz pensar na situação da nossa Congregação e de cada uma das Inspetorias, situadas em territórios diversos e que vivem em condições variadas, pelos trabalhos e disponibilidade de pessoal.

Diante dessas solicitações, sentimos a urgência de aprofundar as raízes da nossa vocação, renovar o dinamismo e a significatividade da nossa forma de vida, tornar mais clara e interpeladora a vida religiosa na ação educativa e pastoral entre os jovens e pobres.

Acenei ao discernimento. Não se trata de repetir e reescrever a doutrina sobre a comunidade religiosa, já abundante em nível de Congregação²⁰ e de Igreja²¹.

Os critérios teológicos e as inspirações carismáticas deverão ser, certamente, trazidos novamente à mente e novamente meditados para não errar a direção. O CG25 será uma oportunidade para aprofundar e interiorizar o que a Igreja vem dizendo sobre a força significativa e evangelizadora das comunidades cristãs, das quais as consagradas são sinal, estímulo e exemplo.

O horizonte principal e terminal, porém, é encontrar caminhos eficazes para novamente motivar as comunidades e manifestar, com simplicidade e clareza, a identidade religiosa nas novas situações; determinar as condições ou critérios essenciais que permitam, ou melhor, estimulem, a viver de modo

²⁰ cf. CGE, 483-555; CG21, 33-61

²¹ cf. *A vida fraterna em Comunidade*, 1994, *Vita Consecrata*, 1996

alegre, humanamente significativo, a nossa professada fraternidade na seqüela de Cristo.

Indica-se, portanto, não um percurso intelectual (repetir ou sistematizar de novo a doutrina dos documentos), essencialmente dedutivo (extrair, a partir só da doutrina, as conseqüências operativas). Queremos partir, de modo diverso, daquilo que os irmãos e comunidades pensam sobre a própria atual experiência, refletir sobre o que se sentem chamados a ser e exprimir nas diversas situações em que se encontram; ou seja, fazer uma leitura da realidade que permita tirar dela os recursos e os aspectos positivos para reforçá-los e aprofundá-los, como também as insatisfações e conflitos para enfrentá-los à luz da Palavra, das exigências evangélicas e das riquezas do nosso carisma.

O Capítulo deveria alcançar a vida imediatamente, e sugerir a “prática” da comunhão fraterna hoje. Podem-se sublinhar os esforços que vêm sendo feitos, os caminhos experimentados, que podem iluminar e encorajar para formas de vida comunitária salesiana segundo as exigências e necessidades atuais.

As principais referências

Ao enunciar o tema, são explicitados quatro aspectos fundamentais, sobre os quais vos convido a concentrar a atenção: a vida fraterna, o testemunho evangélico, a presença animadora entre os jovens e a graça de unidade.

Eles respondem aos desafios que a cultura atual e a experiência religiosa apresentam à nossa existência de consagrados. Não devem ser considerados como justapostos, mas como dimensões inseparáveis, que qualificam conjuntamente a nossa vida religiosa comunitária²².

²² cf. C 3

O caráter indispensável da fraternidade para amadurecer como pessoas consagradas, assumir com alegria e estabilidade interior a própria vocação e reconstruir continuamente a unidade da vida, é um dado permanente na história da Igreja. Sente-se hoje, até mesmo sua premente urgência porque o mundo atual leva à dispersão e à fragmentação.

Os jovens precisam, por sua vez, de testemunhas, de pessoas e ambientes que demonstrem, através de exemplos, as possibilidades de organizar a vida em nossa sociedade segundo o Evangelho. Esse testemunho evangélico, que é, ao mesmo tempo, comunhão entre irmãos, seqüela radical de Cristo e presença ativa, estimulante e portadora de vida entre os jovens, constitui o primeiro serviço educativo a oferecer-lhes, a primeira palavra de anúncio do Evangelho. É evidente, do ponto de vista vocacional, que eles se sintam atraídos a entrar em ambientes comunitários significativos, mais do que só assumir um compromisso.

Sirvo-me apenas de algumas palavras sobre cada uma das quatro referências indicadas acima.

A vida fraterna

Dom Bosco, inspirado pelo Senhor, quis criar intencionalmente, e de fato plasmou, uma comunidade de religiosos, no interior do vasto movimento de pessoas e grupos que se criaram ao seu redor. Eram os seus seguidores mais fiéis e estritos, tinham a função de fermento animador do espírito comum e a tarefa rebocadora na missão. Dom Bosco dedicou grande parte do seu tempo e energias a comunicar-lhes o seu estilo espiritual e a sua práxis pedagógica.

Esse grupo caracteriza-se pelo *habitare in unum*: viver na mesma casa, fisicamente, ou seja, fazer vida comum; *in unum spiritum*, isto é, em unidade de mentalidade e de valores, edifi-

cando-se na caridade, manifestada no alegre afeto recíproco, capaz de criar família; *in unum agendi finem*, empenhando-se solidariamente na missão comum²³.

A vida fraterna salesiana responde a propósitos de perfeição cristã e eficácia no trabalho educativo, vindo ao encontro, ao mesmo tempo, das profundas aspirações da pessoa, como o desejo de relações autênticas, partilha de experiências, comunicação, amizade e afeto. Isso, por outro lado, prepara e treina para a relação educativa, que o Sistema Preventivo supõe, e o ambiente juvenil, que o próprio Sistema se propõe criar.

As relações interpessoais estão relacionadas, de fato, à maturidade humana e espiritual da pessoa. Sua qualidade, o modo de entabulá-las e administrá-las manifestam até que ponto o amor, primeiro mandamento cristão e máxima energia educativa, caminhou entre nós, e até que ponto aprendemos a manifestá-lo²⁴.

Os irmãos já pediam no CGE, que se procurasse criar na comunidade um ambiente de maior calor humano, próprio da vida de família, um clima de amizade fundada no respeito e estima recíproca²⁵. Cresceu desde então o desejo de relações que superem o hábito e a formalidade, para que sejam continuamente renovadas no encontro, aprofundadas ao redor da Eucaristia e reconstruídas mediante a prática cotidiana da reconciliação.

Nossas comunidades sentem hoje a necessidade de sublinhar as dimensões humanas da vida fraterna para ajudar a pessoa a amadurecer e apoiá-la em cada passagem da vida²⁶.

Deseja-se, pois, que as relações não sejam apenas funcionais ao trabalho, mas consigam levar a amizades na seqüela do Senhor e na solidariedade pela missão; que sejam, sobretu-

²³ cf. CGE, 498; MB IX, 571

²⁴ cf. ACG 363, p. 30

²⁵ cf. CGE, 483

²⁶ cf. CGE, 485-486

do, inspiradas na oblatividade e na doação, e não centradas na própria pessoa ou nos próprios fins.

É preciso “progredir” na capacidade de tais relações, por meio da formação permanente. É necessário educar-se e educar os indivíduos a acolher e amar os irmãos. O CG24 fala da nossa espiritualidade relacional, que não só ama com caridade interior mas sabe tecer pelo trato com os jovens, como Dom Bosco já ensinara, relações adultas conformes à vocação e sensibilidades atuais.

É muito importante aprender a superar, na experiência fraterna salesiana, de modo positivo, as tensões que a vida carrega consigo, integrar a liberdade e autonomia pessoais com as exigências de uma real comunhão. Devem ser revistas, por isso, as motivações sobrenaturais que estão à base da nossa fraternidade, devem ser cuidados os elementos da ascese, tanto nos indivíduos como nas comunidades²⁷. Vivemos, de fato, em tempos de privatização e individualismo nos quais se manifestam também fortes dependências afetivas e de pensamento. A verdadeira liberdade, unida à vontade eficaz de comunhão, fará de nós educadores dos jovens para esses valores.

Junto com a capacidade de relações, é preciso a comunicação. Deseja-se, hoje, que nas comunidades, ela não se limite à organização, mas chegue à experiência pessoal; que se troquem não só notícias de jornal ou dados de trabalho, mas avaliações, exigências, intuições que se refiram à nossa vida em Cristo e à nossa forma de compreender o carisma. A isso tende a revisão de vida, a revisão da comunidade, o intercâmbio na oração, o discernimento sobre situações, projetos e acontecimentos.

A comunicação é, também, necessária pelo pluralismo positivo de visões e dons que existem na comunidade. As diversas

²⁷ cf. *A vida fraterna em Comunidade*, 23. 25. 28. 37

formas de envolvimento dos irmãos justificam a importância dada pelas Constituições aos encontros comunitários. Reduzir a possibilidade de diálogo e intercâmbio na comunidade religiosa levaria a não desenvolver e não acompanhar os processos de crescimento de cada um²⁸.

A comunicação exige aprendizagem, prática e, também, animação. Digamos aprendizagem espiritual, mais do que técnica. Comunicando-se em determinados níveis, há um certo pudor a superar, pelo qual não queremos falar de nós mesmos; há ainda a confiança no outro a consolidar. A experiência diz que nem todos têm coragem para isso. É preciso aprendizagem, espaço de conversação, capacidade de escuta²⁹.

O CG24 estimulava cada comunidade a favorecer a partilha das experiências educativo-pastorais dos irmãos, a viver o dia da comunidade e outros encontros como oportunidade de crescimento, por meio da comunicação interpessoal³⁰.

A qualidade nas relações e na comunicação exige a acolhida humilde da vocação à comunhão como dom, e não peso: “Deus nos chama a viver em comunidade, confiando-nos irmãos que devemos amar”³¹. Nasce daí a aplicação de cada um na construção cotidiana da fraternidade, que leva a superar as tendências individualistas, aceitar a correção fraterna e participar assiduamente da vida e do trabalho comum.

Encontramos forças para trilhar esse caminho, sobretudo, na oração comunitária e na relação pessoal com Cristo. A comunidade “não nasce da vontade humana, mas é fruto da Páscoa do Senhor. (...) Quando reza, a comunidade salesiana (...) reaviva a consciência da sua íntima e vital relação com Deus”³² e da sua comunhão fraterna.

²⁸ cf. ACG 379, p. 10

²⁹ cf. ACG 363, p. 32-34

³⁰ cf. CG24, 133

³¹ C 50

³² cf. C 85

A comunidade deixa-se construir por Cristo, sobretudo na celebração da Eucaristia, como fraternidade apostólica. São muito importantes, por isso, os momentos de oração e a celebração comunitária.

Dom Bosco – recorda o artigo 16 das Constituições – queria que em seus ambientes cada um se sentisse como “na própria casa”, de modo que a casa salesiana fosse uma família. Esse testemunho suscita nos jovens e leigos o desejo de conhecer e seguir a vocação e missão salesiana³³.

No mundo dividido e dilacerado, na sociedade de massa, em que as pessoas são muitas vezes tratadas como números, será sempre muito significativo o testemunho de fraternidade evangélica oferecido pelas nossas comunidades.

O CG23 pede, particularmente, que a comunidade salesiana seja centro de comunhão e energia de animação da comunidade educativo-pastoral e da Família Salesiana³⁴. O dinamismo de nossa vida comunitária faz com que estejamos aptos a convocar e envolver muitas outras pessoas no espírito e na missão de Dom Bosco.

Como carismáticos, somos chamados a uma presença que suscite questionamentos, dê razões de esperança, convoque pessoas, suscite colaboração, ative uma comunhão sempre mais fecunda para realizar juntos um projeto de vida e ação, segundo o evangelho.

Isso exige, evidentemente, a melhoria da nossa forma de trabalhar juntos, de modo que ela se torne lugar onde acontece a passagem do eu ao nós, do meu trabalho ou setor à nossa missão, da realização dos meus objetivos e meios à convergência na evangelização e no bem dos jovens³⁵.

As Constituições e os Regulamentos estabelecem oportunidades múltiplas e diversas de entendimento, coordenação e

³³ cf. C 16

³⁴ cf. CG243, 232 ss.

³⁵ cf. ACG 363, p. 34

convergência. Os Conselhos e assembléias comunitárias tendem a oferecer-nos uma leitura comum das situações à luz do Evangelho e da nossa vocação, a projetar de forma solidária os grandes aspectos da pastoral; por isso é tão importante a participação nelas e a sua qualidade.

Hoje, muitos jovens e leigos desejam “ver” e “participar” da nossa vida fraterna e, conosco, participar do trabalho. Devemos, por isso, ordená-la de tal modo que seja possível rezar com os jovens, compartilhar momentos de fraternidade e programação com os leigos colaboradores e, até mesmo, acolher alguns deles para fazer uma experiência temporária de vida comunitária conosco.

Tudo isso exige que se leve em conta a consistência quantitativa e qualitativa de nossas comunidades, como pedia o CG24, de modo que sejam capazes de viver o que é pedido e o que se espera delas³⁶.

O testemunho evangélico

A segunda referência incluída no enunciado refere-se à consistência e manifestação da nossa experiência religiosa e espiritual. A comunidade salesiana é chamada a viver e mostrar-se como consagrada, como grupo de pessoas na seqüela de Cristo, atraídas poderosamente por Ele, pela sua pessoa, pela sua Palavra, pelo seu mistério atuante no mundo; um grupo que faz de tudo isso experiência comum, sentida e satisfeita, testemunhada com a doação total à missão juvenil, à vida fraterna e à acolhida das atitudes evangélicas³⁷.

Alma do testemunho é a espiritualidade, o desejo de organizar a vida segundo o Espírito. A missão é o seu fruto maduro e

³⁶ cf. CG 24, 173-174

³⁷ cf. C 3

o seu lugar de expressão e crescimento. Sabemo-lo por experiência: a gratificação que vem só do sucesso não leva muito longe no empenho apostólico. É preciso muito mais.

A missão é, antes de tudo, obra do Espírito em nosso interior. Ele faz de nós “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”³⁸. Sem experiência do Espírito a missão não acontece, nem da nossa parte, nem da parte dos leigos. A contemplação de Deus, que ama e salva o homem, e o desejo de participar disso dão origem à nossa tensão pelos jovens e o povo de Deus, e conservam-na.

A comunidade salesiana só pode fundamentar, então, o seu dinamismo missionário e a sua força de significatividade numa intensa experiência espiritual.

Os CG 23 e 24 aprofundaram as características específicas da espiritualidade salesiana e promoveram o conhecimento e a estima de seus pontos essenciais na Congregação. É preciso, porém, ter deles uma consciência ainda maior, elaborar uma pedagogia para caminhar neste estilo particular de santidade, superando os riscos da superficialidade, do ativismo, do hábito.

As Constituições afirmam que a santidade é o dom mais precioso que podemos fazer aos jovens³⁹, a principal contribuição dos Salesianos religiosos à educação e promoção humana. A santidade tem um valor temporal, não só pelas obras de caridade em benefício dos pobres, mas pelo horizonte, pelo sentido e pela dignidade que insere na convivência humana. “Num mundo tentado pelo ateísmo e pela idolatria do prazer, da posse e do poder, o nosso modo de viver testemunha, especialmente aos jovens, que Deus existe e o seu amor pode saciar uma vida”⁴⁰.

³⁸ C 2

³⁹ cf. C 25

⁴⁰ C 62

A espiritualidade, assumida e vivida, é o “segredo” para realizar o que foi proposto pelos CG 23 e 24. É como a alma da CEP, o cerne dos itinerários de fé a percorrer com os jovens, num clima de intercâmbio de dons. Para ser núcleo animador será necessário viver conscientemente, com convicção, a nossa espiritualidade, e exprimi-la comunitariamente com alegria e depressa.

Acontece que, às vezes, a experiência espiritual é vivida pela comunidade e pelos irmãos de modo ocasional e parcial, mais do que como critério, tensão e projeto de vida. Muitas vezes ela é reduzida a “momentos” ou assumida individualmente, enquanto a sua expressão comunitária é insossa e pouco relevante.

A experiência espiritual não pode deixar de lado a atitude e a prática assídua da oração. A comunidade é chamada a ser lugar e escola de oração. Só se houver estima e aplicação pessoal à oração será possível salvaguardar os espaços comunitários da invasão das ocupações e viver momentos preparados e calmos de oração comunitária, livres da pressa e da dispersão.

A comunidade deve aprender, enfim, a viver a comunicação da fé, a partilha das experiências espirituais, a colocação em comum das motivações vocacionais, a prática do discernimento comunitário, o confronto sobre projetos pastorais. Aí acontece o intercâmbio de dons entre irmãos, a oferta e a acolhida das riquezas de cada um.

Trata-se de percorrer, substancialmente, no interior de nossas comunidades, caminhos autênticos de crescimento, na adesão de fé à Palavra e à presença de Cristo, e de manifestar e comunicar essa fé: é a condição para que elas sejam “sinais, ambientes e escolas” de fé.

Lugar privilegiado, no testemunho evangélico, deve ser dado aos Conselhos Evangélicos. Eles reproduzem e tornam presente hoje a forma da existência de Cristo; prenunciam o que é definitivo diante do que é provisório; têm uma função crítica e

terapêutica em relação à liberdade, à riqueza e ao amor vividos na lógica exclusiva da realização de si e não do dom; apresentam um modo de realizar a existência humana com sucesso total. A seqüela de Cristo obediente, pobre e casto, além de ser expressão do amor pessoal a Jesus, tem uma carga pedagógica de motivação e proposta paradigmática da humanidade nova⁴¹.

Insiste-se hoje no significado antropológico dos conselhos evangélicos. “A escolha dos conselhos, de fato, longe de ser empobrecimento dos valores autenticamente humanos, propõe-se mais como uma transfiguração deles. (...) Assim, aqueles que seguem os conselhos evangélicos, enquanto buscam a santidade para si mesmos, propõem por assim dizer, uma “terapia espiritual” para a humanidade, pois recusam a idolatria da criação e tornam de algum modo visível o Deus vivo”⁴². Isso exige de nós um esforço para vivê-los, não só com coerência e verdade, mas também em profundo diálogo com a cultura hodierna, de modo que apareça com clareza o seu valor de humanização.

Não são poucas, realmente, as ambigüidades e os rebaixamentos inconscientes que se introduzem em nossa vida, fazendo-a perder a própria eloqüência evangélica.

Os Conselhos completam e qualificam a vida fraterna, e tornam possível a doação da totalidade do nosso ser à missão⁴³, fazendo transparecer a gratuidade, a oferta incondicional da vida, o amor sem medida e sem economia, sobretudo pelos mais pobres.

Com freqüência, a comunidade salesiana não consegue tornar visível e compreensível tudo isso e o testemunho, então, deixa de ser legível. Devem-se encontrar formas expressivas do estilo evangélico porque somente opções proféticas e radicais haverão de tornar as nossas comunidades atraentes e contagiosas.

⁴¹ cf. CG 24, 152

⁴² VC 87

⁴³ cf. C 61

A presença animadora entre os jovens

Traço característico de Dom Bosco, ponto gerador da sua espiritualidade, foi ir e viver entre os jovens, a ponto de transformar a assistência em sistema pedagógico e experiência espiritual. “Familiaridade com os jovens especialmente no recreio... O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão...”⁴⁴. Ele mesmo deplora e denuncia algumas tendências que desfiguram essa presença: a vida com os jovens não é compartilhada vivendo preocupado com as próprias coisas, distante ou sem atenção às pessoas, cuidando apenas do cumprimento do regulamento, não demonstrando verdadeiro amor e interesse pela pessoa do jovem.

A primeira comunidade de Valdocco, critério permanente de discernimento e renovação pastoral⁴⁵, é uma comunidade não só para os jovens, mas com os jovens: compartilha a vida deles e adapta-se às suas exigências. A participação dos jovens determina os horários, o estilo do trabalho, a modalidade da oração. Ficar com Dom Bosco significa querer viver com os jovens.

As condições estão alteradas hoje. Muitas de nossas obras tornaram-se complexas, com muitas exigências estruturais. Estabelecem-se, na sociedade atual, muitas relações, mas frequentemente fugazes e de pouca profundidade humana. A relação entre as diversas gerações tornou-se menos fluida, também devido aos estilos e gostos... o que aumenta em todos, mas sobretudo nos jovens, a vontade de comunicação e de relações pessoais gratuitas.

Os jovens, por ocasião do CG24, pediram aos SDB que estivessem mais presentes no meio deles, participando de suas

⁴⁴ cf. Dom Bosco, Carta de Roma, Apêndice às Constituições, p. 243

⁴⁵ cf. C 40

vidas, particularmente dos momentos espontâneos e informais; que os acompanhassem e ajudassem em sua formação; que criassem para eles espaços de participação efetiva no trabalho educativo e de evangelização⁴⁶.

Quais os pedidos que nos fazem hoje os jovens de nossos ambientes, os jovens animadores que participam conosco da missão salesiana, os próprios leigos?

Pedem de nós uma presença física entre os jovens, que nos leve a “amar aquilo que os jovens amam”, a entender e compartilhar tantos valores e aspectos positivos do seu mundo. Uma presença de amigo, gratuita, que se interesse pelas pessoas, não só institucional, orientada, principalmente, à organização de atividades. Uma presença ativa, que sabe apresentar propostas, oferecer motivações inspiradas na razão e na fé, despertar a criatividade e a co-responsabilidade dos jovens e, ao mesmo tempo, acompanhar o caminho deles. Uma presença testemunhal, que apresenta nos fatos da vida os valores que anuncia. Isso tudo, não só como indivíduos, mas sobretudo como comunidade.

A experiência salesiana entre os jovens torna-se animação espiritual. O CG23 convidava cada comunidade a ser “escola de fé” para os jovens e leigos⁴⁷. Não se trata, com efeito, de só empenhar os leigos nas múltiplas atribuições do serviço educativo e pastoral, mas de envolvê-los numa aventura espiritual e fazer com que vivam conosco a espiritualidade salesiana com tal intensidade a ponto de suscitar neles um desejo de compartilhá-la para construir juntos um ambiente educativo de intensa carga espiritual, um clima de santidade compartilhada, como recordava o CG24 apresentando o exemplo de Valdocco⁴⁸.

Eu escrevia na carta “Especialistas, testemunhas e artífices

⁴⁶ cf. CG24, 284

⁴⁷ cf. CG23, 217

⁴⁸ cf. CG24, 104

de comunhão”: “Nós não somos uma sociedade de beneficência ou uma organização educativa que tem determinadas realizações materiais ou culturais como fim último; somos carismáticos. Isto comporta dar vida a uma presença que suscite interrogativos, dê razões de esperança, convoque pessoas, atraia colaboração, ative uma comunhão sempre mais fecunda para realizar juntos um projeto de vida e de ação segundo o evangelho”⁴⁹. É importante verificar em que medida isso se realiza nas próprias comunidades, e como pode ser traduzido e tornado possível.

Esta presença torna-se anúncio e profecia, proposta de uma forma alternativa de vida segundo o Evangelho. Para ser profecia, a vida consagrada deve ser capaz de sacudir o mundo que se vai distanciando do Evangelho. O importante não é só o que realiza materialmente, mas aquilo que suscita e desperta, o que é acenado para levantar questionamentos. Devemos perguntar-nos sobre o que inserir hoje na educação e como qualificar a nossa presença entre os jovens, para tornar atual o impacto de novidade na expressão do amor que Dom Bosco teve em seu contexto.

Diante de um mundo marcado pela pobreza e exclusão, sobretudo dos jovens, a nossa presença deve ser uma prova evidente de solidariedade e gratuidade; diante de uma cultura pluralista, em que freqüentemente se discrimina o diverso, a nossa presença deve ser diálogo e participação; diante de uma sociedade que promove atitudes de superficialidade e exploração consumista das coisas e da natureza, o nosso estilo de vida e trabalho deve realizar a síntese entre reflexão e ação, entre uso dos bens e respeito da natureza. Perguntemo-nos como o nosso estilo de vida e trabalho comunica esses valores aos nossos jovens e leigos, ou até que ponto deixamo-nos arrastar por critérios que imperam na sociedade atual.

⁴⁹ cf. ACG 363, p. 21

A nossa presença pode ser, então, proposta vocacional. A provocação vocacional realiza-se, hoje, segundo a lógica do “vem e vê”, ou seja, oferecendo uma imagem que suscite nos jovens atração e desejo de compartilhar a missão e a vida. Isso acontece, antes de tudo, com o testemunho da nossa alegria em viver a vocação religiosa salesiana, sem temor e sem reservas; com a preocupação de desenvolver em todo jovem a disponibilidade vocacional, isto é, a disponibilidade a considerar a vida como dom e serviço; e, ainda, com a capacidade de comunicar e compartilhar a espiritualidade salesiana e o nosso estilo educativo; de oferecer motivações que animam e encorajam malgrado as dificuldades e limitações pessoais ou institucionais; de dedicar-nos com real prioridade de tempo e energias à atenção e acompanhamento das pessoas para ajudá-las a discernir e acolher o projeto de Deus sobre elas.

A graça de unidade

Os dinamismos de nossa vida pessoal e comunitária exigem ser vividos segundo aquela que chamamos “graça de unidade”, ou seja, numa síntese que brota da caridade pastoral. Ela é fruto, afirmava o Papa em seu discurso ao CG23, “do poder do Espírito Santo, que garante a inseparabilidade vital entre união com Deus e doação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes”⁵⁰.

Hoje, a nossa vida está exposta a várias tensões, devidas aos modelos culturais de vida e à multiplicidade de compromissos. Arrisca-se a ser fragmentada, a opor a prática dos conselhos evangélicos aos modelos de realização humana, a não encontrar espaços e momentos comunitários nos quais exprimir-se em sua

⁵⁰ cf. CG23, 332

integridade e esvaziar a missão do seu conteúdo evangélico.

É preciso recuperar a síntese na mentalidade e na vida, que ajude a viver as tensões de modo positivo. É indispensável, por isso, uma renovada referência e relação com Cristo Bom Pastor, que seja motivo inspirador da nossa vida e chave para unir oração, estudo, trabalho educativo pastoral, vida fraterna.

É preciso, também, a reconsideração do modo de compor hoje a unidade a ser dada à própria vida entre primado de Deus, doação à missão e relação fraterna madura. Isso deve ser repensado e realizado em comunidades fraternas e acolhedoras, que se coloquem no seguimento de Cristo, sintam-se enviadas aos jovens, procurem agir segundo o coração de Dom Bosco. Requer-se hoje saber individualizar e colocar em ação em nossa vida novos equilíbrios pessoais e comunitários entre os diversos aspectos.

A comunidade é o lugar do crescimento vocacional de cada um; ela ajuda o irmão a viver com alegria e transparência a própria vocação salesiana; é o seu ambiente de amadurecimento.

É importante que ela seja o lugar ordinário de formação contínua dos irmãos; o CG23 já insistia nessa opção, relacionada com o fato de que a garantia do processo de crescimento contínuo está na qualidade de vida cotidiana vivida no interior da comunidade. Favorecem-na a animação da comunidade por parte do diretor e o dia da comunidade.

A comunidade, além de estimular a responsabilidade pessoal de crescimento, garante as formas de acompanhamento pessoal; de fato, a animação comunitária sem o acompanhamento é insuficiente. A retomada do colóquio com o diretor, a Confissão freqüente, a referência ao guia espiritual para cada irmão ajudarão o crescimento pessoal no interior da comunidade.

3. ALGUMAS CONDIÇÕES PARA A ANIMAÇÃO DA COMUNIDADE SALESIANA HOJE

O ministério do diretor

A animação da comunidade salesiana é confiada à co-responsabilidade comunitária; entretanto, o adequado funcionamento dessa co-responsabilidade tem o seu principal ponto de referência no diretor. As Inspetorias sentem a qualidade da direção como um elemento estratégico para a vida da comunidade em todos os sentidos.

O CG21 ofereceu-nos a hierarquização das funções e responsabilidades do diretor salesiano. Colocou-o, em primeiro lugar, como servidor da unidade e da identidade salesiana. Indicou-o, ainda, como guia pastoral da missão salesiana e da orientação dos trabalhos de educação. Enfim, o diretor é o primeiro responsável pela gestão global da obra⁵¹.

Afirma-se, no manual do diretor salesiano, que a primeira tarefa do diretor é despertar nos indivíduos a consciência daquilo que eles são; de fazer emergir capacidades e carismas; de ajudá-los a manter desperto o espírito da vida teologal... numa palavra, criar o clima e as condições adequadas para que cada salesiano, em plena docilidade à graça, possa amadurecer na identidade da própria vocação⁵².

O diretor é ajudado nessa responsabilidade pelo Conselho⁵³ e, de modo especial, pelo vice-diretor⁵⁴. Juntos, cuidam da animação espiritual e pastoral e coordenam a administração da comunidade e da obra.

⁵¹ cf. CG21, 52

⁵² cf. *O diretor salesiano*, Roma 1986, nº 105

⁵³ cf. C 178

⁵⁴ cf. C 183

A realização deste ministério tornou-se sempre mais complexa e difícil nos últimos anos, com o risco de que funções marginais se sobreponham às mais decisivas do ponto de vista religioso e pastoral.

Muitas Inspetorias pedem, por isso, uma reflexão prática, que indique caminhos concretos, para ajudar os diretores salesianos a priorizarem os papéis fundamentais do próprio ministério.

Sinto-me na necessidade de afirmar, como testemunha, que nos últimos anos, justamente por causa da nova situação da vida consagrada, da vida comunitária, da numerosa presença de leigos e das condições do trabalho educativo, foi sentida a urgência de uma outra tríplice concentração no papel do diretor: concentração que exige sensibilidade, atenção, capacidade de intervenção.

Há uma concentração carismática, que responde ao hoje da vida consagrada. O diretor, superior religioso, deve ser capaz de explicar, iluminar, orientar, animar a vida consagrada salesiana, ajudar a viver o sentido humano e cristão dos compromissos e entender o que quer dizer seguir Jesus Cristo nas pegadas de Dom Bosco.

Sente-se, hoje, a necessidade de animadores carismáticos, que mantenham vivos a consciência e o entusiasmo da própria opção vocacional nos irmãos e nas comunidades. A concentração carismática refere-se ao cuidado e ao aprofundamento do espírito salesiano e de suas características.

Há, depois, uma concentração pastoral: o diretor, com o seu Conselho e com a comunidade, guia toda a obra para os objetivos evangelizadores, mesmo os mais qualificados.

Tarefas e papéis educativos e de gestão, assumidos por pessoas diversas, devem convergir quanto aos objetivos e estilos na formação à fé de cada jovem, tomado individualmente, e na criação de um ambiente em que se manifestem imediatamente valores humanos e religiosos.

Não é possível satisfazer-se com o mínimo. Deve-se cuidar daqueles que respondem ao convite da fé ou que apresentam sinais de vocação. Isso tudo exige que o diretor entusiasme, oriente, explicita, redimensione, torne presentes continuamente as condições para que a missão seja realizada.

Há, ainda, a terceira concentração: a concentração fraterna, ou seja, a dedicação em animar as relações, o diálogo, a coresponsabilidade: uma dimensão muito sentida hoje. Do ponto de vista vocacional viu-se que os jovens são atraídos pela fraternidade. Eles não demonstram particular interesse em fazer parte de comunidades que sejam apenas grupos de trabalho intenso. Não são atraídos por isso. Perguntam-se com quem e como viverão. A fraternidade, então, está sendo determinante, e a animação de suas diversas manifestações é confiada aos cuidados do diretor.

Para realizar tudo isso, o diretor coloca em jogo o seu carisma sacerdotal.

As Constituições dizem que o diretor deve ser sacerdote⁵⁵. Não quer dizer simplesmente que deve ter o requisito jurídico da ordenação sacerdotal, mas que o diretor exerce o sacerdócio na e para a sua comunidade religiosa e educativa. Ou seja, deve oferecer, nela, o dom e o ministério da palavra. Deve fazer frutificar o dom e o papel da santificação por meio da amizade, da animação espiritual, até chegar aos sacramentos. Deve reger e orientar a comunidade para Cristo, unificando-a nEle.

Não é preciso que o diretor espere o final da semana para poder ser padre na paróquia. Ele é padre em sua comunidade educativa. É a sua paróquia e a sua Igreja. Nela deve fazer a oferta da Palavra de Deus de muitos modos: o conselho, os encontros, bons-dias, boas-noites, aulas etc.

⁵⁵ cf. C 121

Não devemos destacar muito o religioso do profano, pensando que não exista continuidade entre a nossa homilia e a conversa com um jovem no pátio. Quando esperamos um garotinho à entrada da escola ou orientamo-lo com uma palavra amiga no pátio, esta, para o menino, pode ser palavra de Deus, porque o eleva, consola, lhe dá sinal de estima, o predispõe para responder à graça.

O sacerdote age *in persona Christi*. O sacerdócio não é uma função: é um ser. Diga-se o mesmo do dom da santificação e do papel de reger.

A formação permanente na vida cotidiana

A significatividade da nossa vida comunitária e da nossa pastoral não é garantida tanto pela estrutura ou pelo exercício da autoridade, mas, antes de tudo, pela presença e ação de irmãos que vivem com entusiasmo e competência os valores da espiritualidade, da pedagogia e da vocação salesiana, e sabemos transmitir com sabedoria e convicção.

A formação constante das pessoas, hoje, é uma prioridade. Ela supõe uma nova mentalidade, atenta a responder aos questionamentos e a lançar desafios evangélicos; a interiorização de valores que nos tornem capazes de superar resistências e temores diante das transformações; a aquisição de uma consciência mais madura e fundamentada dos valores e critérios da pedagogia salesiana; o desenvolvimento da renovada capacidade de aprender da vida cotidiana.

A verdadeira formação, que transforma pessoas e grupos, nasce na vida e da vida de cada dia; por isso, viver a fraternidade, o testemunho evangélico e a presença animadora entre os jovens e leigos implica assumir uma forma e um ritmo de vida que favoreçam e como que predisponham à animação. Quando isso

acontece, a própria vida cotidiana não só não desgasta os irmãos, como ajuda-os a sentir-se bem e a crescer do ponto de vista cultural, psicológico, social e, sobretudo, espiritual.

É fundamental, então, dar novamente aos salesianos o sentido da prioridade da formação; somos chamados a ser animadores do crescimento das pessoas e, por isso, é necessário que nós mesmos desenvolvamos um dinamismo de crescimento constante e integral.

4. CONVITE ÀS INSPETORIAS

O Capítulo Geral não compreende apenas a Assembléia dos Inspectores e Delegados que se terá em Roma, mas todo o caminho que vai da convocação à sua aplicação. Realiza-se plenamente na reflexão, no estudo e no trabalho de todas as Inspetorias. Será, portanto, um tempo longo de renovação da vida comunitária em cada Inspetoria. A Assembléia capitular será uma partilha fraterna dos esforços para individualizar os elementos que a experiência dos diversos contextos faz emergir como fundamentais e mais capazes de gerar vida e dinamismo comunitário nas situações atuais.

Este tempo seja, então, para as Inspetorias, um momento de graça, na revisão da fidelidade à nossa vocação religiosa e comunitária, na busca de um modo mais significativo de viver em comunidade como “sinal de fé”, “escola de fé” e “centro de comunhão”, como convidava-nos o CG23⁵⁶.

Será útil escutar, nessa revisão, as expectativas dos nossos destinatários e colaboradores: como vêm-nos e o que esperam da nossa comunidade. O diálogo com eles pode ajudar-nos a entender o que o Senhor nos pede neste momento para poder

⁵⁶ cf. CG23, 215-218

testemunhar com uma linguagem acessível, sobretudo aos jovens, os valores do Evangelho com a própria vida.

É também um momento providencial para, juntos, meditarmos de novo a abundante doutrina sobre a comunidade religiosa salesiana, que temos nos documentos salesianos e eclesiais. Isso haverá de ajudar-nos a iluminar e orientar as opções para viver em unidade os diversos aspectos da nossa vocação nos complexos contextos da vida cotidiana.

Sejam evitados dois obstáculos na reflexão e trabalho capítular: repetir simplesmente os objetivos e propósitos ou desencorajar-se diante do ideal apresentado pelas Constituições, como se hoje fosse praticamente irrealizável.

Convido-vos, pois, a buscar as condições práticas que tornem possível a aproximação desse ideal, conscientes de que o primeiro dom e o primeiro serviço que devemos oferecer aos jovens de hoje é o nosso ser discípulos de Cristo, envolvidos numa forma de vida alternativa, capaz de preencher as expectativas mais profundas do coração humano. É importante, para essa finalidade, compartilhar as experiências positivas que já estão em ação nas Inspetorias e iniciar outras novas.

A preparação ao próximo Capítulo Geral obrigar-nos-á, queridos irmãos, a intensificar dois aspectos da nossa vida consagrada: a espiritualidade e a formação. Dois aspectos determinantes para nós, que também se referem de perto aos nossos destinatários.

Para que isso tudo se realize, peço-vos a lembrança especial na oração comunitária. A renovação da vida consagrada é obra do Espírito, que deve revitalizar em cada um e nas comunidades a caridade pastoral e o dom de predileção dos jovens. É a graça que devemos pedir com fé e confiança, abrindo-nos a ela com o esforço de reflexão e partilha, em comunidade e com os jovens e leigos.

Invoquemos Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa Família, ao redor da qual Dom Bosco queria construir as suas comunidades como verdadeiras famílias.

Com muitos augúrios para o vosso caminho capitular, saúdo-vos cordialmente e abençôo-vos,

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left, crossing the baseline of the text.

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

2.1 ROTEIRO DE PREPARAÇÃO AO CAPÍTULO GERAL 25

• *Junho de 2000*

O Reitor-Mor convoca o Capítulo Geral 25 (CG25), de acordo com os artigos 150 das Constituições e 111 dos Regulamentos Gerais. Nomeia o Regulador do Capítulo (R 112) e estabelece a sua finalidade principal, lugar e data (R 111).

• *Agosto - Setembro de 2000*

Enviem-se às Inspetorias a carta de convocação, o tema do CG25, o roteiro de reflexões para as comunidades locais e inspetoriais, as instruções para a realização dos Capítulos Inspetoriais (ACG 372).

O Regulador envia aos Inspectores os módulos para as atas e os modelos de fichas para as contribuições dos CI e dos irmãos: modelos impressos e disquete para PC.

• *Outubro de 2000 - Julho de 2001*

Realizam-se, nas Inspetorias, os trabalhos de preparação e celebração do Capítulo Inspetorial (C 171-172), cuja data deve ser fixada levando em consideração os seguintes prazos:

• *15 de julho de 2001*

Até esta data devem chegar a Roma os seguintes documentos:

1. atas dos Capítulos Inspetoriais (CI);
2. atas da eleição dos Delegados e seus suplentes;
3. contribuições dos CI;
4. contribuições dos irmãos.

As propostas que chegarem depois do dia 15 de julho de 2001 não poderão ser levadas em consideração nos trabalhos da Comissão pré-capitular.

Os Capítulos Inspetoriais que estudarem temas relativos à

Inspetoria e estabelecerem deliberações que, de acordo com C 170, precisam da aprovação do Reitor-Mor com o seu Conselho, deverão enviar também essas deliberações a Roma.

• ***Agosto de 2001***

O material enviado será organizado e classificado por um grupo de trabalho.

O Reitor-Mor nomeia, nesse período, a Comissão pré-capitular para a preparação do dossiê a ser enviado aos participantes do CG25 (cf. R 113).

• ***Setembro - Outubro de 2001***

Realizam-se os trabalhos da Comissão pré-capitular.

É nomeada a Comissão para a revisão das atas da eleição dos Delegados Inspetoriais ao Capítulo Geral (cf. R 115).

• ***Novembro de 2001***

Os esquemas de trabalho, preparados pela Comissão pré-capitular, são impressos e enviados aos Inspetores e Delegados.

• ***Dezembro de 2001 - Fevereiro de 2002***

Os membros do CG25 estudam, na própria sede, os documentos de trabalho.

• ***24 de fevereiro de 2002***

Tem início o Capítulo Geral 25

• ***Conclusão do Capítulo***

O tempo previsto para o CG25 é de dois meses: o dia 20 de abril de 2002 está previsto como o último do CG25.

2.2 ROTEIRO DE REFLEXÃO

I. ORIENTAÇÕES PARA A REFLEXÃO SOBRE O TEMA “A COMUNIDADE SALESIANA HOJE”

Encaminhamento fundamental do tema

O Reitor-Mor apresentou a organização e os conteúdos principais do tema capitular na carta de convocação do CG25. Deu, também, uma olhada nos desafios que vêm das circunstâncias atuais e indicou algumas preocupações surgidas na consulta às Inspetorias.

O próximo CG25 é uma ocasião privilegiada para aprofundar e renovar a vida e o testemunho da comunidade salesiana. As Constituições e os Capítulos Gerais anteriores definiram a identidade e as características da comunidade religiosa salesiana; trata-se, agora, de rever a sua realização e projetar os passos a dar para progredir na direção proposta.

Com o estilo do discernimento

Sugere-se a organização da reflexão segundo a *metodologia do discernimento comunitário*, indicada no artigo 66 das Constituições.

Cada irmão deixa-se interpelar pela realidade em que vive, colocando-se na atitude fundamental de fé e escuta, para descobrir na vida de cada dia as indicações e os passos que o Senhor convida a dar no caminho de renovação pessoal e comunitária.

A comunidade participa da reflexão de todos, em diálogo fraterno e paciente, e com vivo senso de co-responsabilidade, definindo as novas possibilidades e exigências de vida para ser mais significativa como comunidade religiosa entre os jovens.

Torna-se, sobretudo, necessário neste discernimento, a purificação do coração, a abertura à oração e a disponibilidade à escuta da vida e ao diálogo com os outros.

Exige-se também o conhecimento adequado da realidade e

de algumas experiências significativas da vida comunitária. É preciso, neste sentido, solicitar e recolher a voz dos irmãos, jovens, leigos colaboradores e membros da Família Salesiana que interagem conosco. Saber como eles vêem e percebem a nossa vida comunitária, o que esperam de nós como comunidade salesiana, quais os aspectos que, segundo eles, devemos melhorar em nosso modo de viver, de estar presentes entre eles ou de trabalhar. A fim de facilitar essa escuta, cada comunidade poderia estudar alguma iniciativa conveniente, ou um diálogo fraterno com alguns deles, ou uma pesquisa, ou outra coisa...

É necessário, sobretudo, porém, interpretar a realidade e as expectativas à luz do Evangelho, das orientações da Igreja e da Congregação (Constituições, Capítulos, Cartas do Reitor-Mor etc.) para percebê-la como um “apelo” que Deus nos endereça no hoje.

Da leitura positiva de fé nasce uma resposta pessoal e comunitária, capaz de individualizar os caminhos concretos e as estratégias adequadas de ação.

As fases do percurso

O tema do Capítulo, como foi apresentado pelo Reitor-Mor em sua carta, refere-se a *três aspectos principais*, complementares entre si: vida fraterna, testemunho evangélico, presença animadora entre os jovens. Pede-se a reflexão das Inspetorias sobre cada um deles.

Existe, em correlação estreita com eles, outros fatores particularmente importantes na animação da comunidade salesiana: o papel do diretor e do Conselho, a formação permanente, a constituição da comunidade e os critérios de colocação das obras ou iniciativas, e outros possíveis.

São oferecidas, mais adiante, algumas especificações desses diversos aspectos a aprofundar e as indicações dos documentos

da Congregação e da Igreja, que podem iluminar e guiar a reflexão das Inspetorias e comunidades locais. O comentário do tema, feito pelo Reitor-Mor na carta de convocação constitui, igualmente, um elemento importante a aprofundar, pessoalmente e em comunidade, durante o discernimento.

O percurso sugerido prevê *três fases para cada aspecto do tema capitular*. Propõe-se que se comece compartilhando não tanto os problemas, mas a visão de futuro, o que desejamos viver em nossa vida comunitária ou, expressando de outro modo, o que o Senhor nos chama a viver por meio dos diversos sinais que podemos perceber na realidade. Essa visão positiva deve facilitar a comunhão e encorajar-nos para o futuro.

Concretamente, são estas as três fases:

- Descrever, de forma breve, realista e envolvente, *como desejamos que seja hoje a vida de nossas comunidades salesianas* para responder àquilo que o Senhor nos pede, por meio dos desafios das situações vividas por nós, das expectativas dos irmãos, jovens e leigos, iluminadas pelas orientações da Congregação e da Igreja.

- À luz da visão concreta de comunidade salesiana que se quer viver, olhar para a *situação concreta das próprias comunidades*, sublinhando o que é positivo e o que precisa melhorar; será muito interessante, a esse respeito, compartilhar e aprofundar algumas experiências e processos comunitários que estão sendo vividos na Inspetoria ou em outras famílias religiosas.

- Volta-se, enfim, às *linhas de ação*, aos processos que se devem reforçar ou os aspectos problemáticos a corrigir ou superar.

A caminhada deve ser realizada, antes de tudo, em cada comunidade local, pensando em sua renovação; o Capítulo Inspetorial, de acordo com as contribuições chegadas das comunidades, percorrerá o mesmo caminho e oferecerá a própria contribuição ao Capítulo Geral.

O “roteiro de reflexão” oferece algumas questões relacionadas aos vários aspectos, para facilitar o percurso indicado acima.

ROTEIRO DE REFLEXÃO

1. Vida fraterna

1.1 Considerando as orientações da Congregação, os desafios emergentes, as expectativas dos irmãos, leigos e jovens, à luz de nossa identidade vocacional, quais são as características concretas (atitudes, qualidades, percursos, comportamentos...) que o Senhor pede hoje às nossas comunidades?

1.2 Olhando as características individualizadas, e vendo o ponto em que vos encontrais neste momento, quais são os principais aspectos positivos e os que devem ser melhorados em vossas comunidades?

1.3 Quais deveriam ser, segundo vosso modo de ver, as linhas de ação mais significativas para obter o resultado desejado?

2. Testemunho evangélico

2.1 Considerando as orientações da Congregação, os desafios emergentes, as expectativas dos irmãos, leigos e

jovens, à luz de nossa identidade vocacional, quais são as características concretas (atitudes, qualidades, percursos, comportamentos...) que o Senhor pede hoje às nossas comunidades?

2.2 Olhando as características individualizadas, e vendo o ponto em que vos encontrais neste momento, quais são os principais aspectos positivos e os que devem ser melhorados em vossas comunidades?

2.3 Quais deveriam ser, segundo vosso modo de ver, as linhas de ação mais significativas para obter o resultado desejado?

3. Presença animadora entre os jovens

3.1 Considerando as orientações da Congregação, os desafios emergentes, as expectativas dos irmãos, leigos e jovens, à luz de nossa identidade vocacional, quais são as características concretas (atitudes, qualidades, percursos, comportamentos...) que o Senhor pede hoje às nossas comunidades?

3.2 Olhando as características individualizadas, e vendo o ponto em que vos encontrais neste momento, quais são os principais aspectos positivos e os que devem ser melhorados em vossas comunidades?

3.3 Quais deveriam ser, segundo vosso modo de ver, as linhas de ação mais significativas para obter o resultado desejado?

4. Animação comunitária - Serviço do Diretor

4.1 Considerando as orientações da Congregação, os desafios emergentes, as expectativas dos irmãos, leigos e jovens, à luz de nossa identidade vocacional, quais são as características concretas (atitudes, qualidades, percursos,

comportamentos...) que o Senhor pede hoje às nossas comunidades?

4.2 Olhando as características individualizadas, e vendo o ponto em que vos encontrais neste momento, quais são os principais aspectos positivos e os que devem ser melhorados em vossas comunidades?

4.3 Quais deveriam ser, segundo vosso modo de ver, as linhas de ação mais significativas para obter o resultado desejado?

5. Animação comunitária (formação permanente, constituição das comunidades e outros)

5.1 Considerando as orientações da Congregação, os desafios emergentes, as expectativas dos irmãos, leigos e jovens, à luz de nossa identidade vocacional, quais são as características concretas (atitudes, qualidades, percursos, comportamentos...) que o Senhor pede hoje às nossas comunidades?

5.2 Olhando as características individualizadas, e vendo o ponto em que vos encontrais neste momento, quais são os principais aspectos positivos e os que devem ser melhorados em vossas comunidades?

5.3 Quais deveriam ser, segundo vosso modo de ver, as linhas de ação mais significativas para obter o resultado desejado?

Elementos para iluminar a reflexão

Oferecemos algumas especificações para cada aspecto do tema capitular, sugeridas, muitas vezes, pelas próprias Inspetorias na consulta prévia à escolha do tema. Acrescentam-se também algumas indicações das orientações doutrinárias da

Igreja e da Congregação desenvolvidas nos últimos anos. É um material que pode servir de ajuda e guia para a revisão e reflexão das comunidades e CI.

Em sintonia com as exigências e problemas mais urgentes, ditados pela experiência, cada Inspetoria deter-se-á nos aspectos que mais correspondam às necessidades e ao caminho que está trilhando.

1. Comunidade: a vida fraterna

a) A vida comunitária e o amadurecimento de cada um como pessoa e como salesiano

- Qualidade humana e salesiana das relações pessoais e comunitárias, segundo o estilo de família;
- Sentido de pertença comunitária.
- Capacidade de gestão positiva dos conflitos.
- Capacidade de perdão e correção fraterna.
- Ritmo de vida e trabalho dos irmãos e da comunidade, que permita cultivar a qualidade vocacional.

Para a reflexão:

C 51-52; R 42-43;

Capítulos Gerais: CGE 483 (pedidos dos irmãos), 485-487 (valores humanos da comunidade);

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”: 23-28, 35, 37, 54-57.

b) A comunicação e a partilha de vida, de fé e de projetos apostólicos

- Qualidade da informação na comunidade.
- Profundidade do diálogo e partilha.
- Capacidade de projetar juntos.

Para a reflexão:

R 4;

Capítulos Gerais: CGE 488; CG24 42, 47, 119;

Atos do Conselho: “Especialistas, testemunhas e artífices de comunhão”: ACG 363, p. 29-34;

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”: 29-34.

c) O testemunho e a significatividade da vida comunitária salesiana

- Imagem de comunidade oferecida aos jovens e leigos que conosco participam da missão.

- Colaboração e solidariedade comunitária que vivemos e promovemos.

Para a reflexão:

C 16, 57;

Capítulos Gerais: CG24 91-93, 153;

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”: 54-57.

d) Capacidade de suscitar comunhão na CEP, na Família Salesiana, no território e com a igreja local

- Tarefa de animação da comunidade salesiana na CEP.

- Responsabilidade de animação e promoção da Família Salesiana.

- Presenças e colaboração cordial e generosa com a Igreja local.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG23 218, 232-237;

CG24 39-41; 44-46; 48-51; 159; 162; 236.

e) Atenção aos elementos centrais da experiência vocacional salesiana em situações particulares

- Comunidades envelhecidas.
- Comunidades onde os SDB não podem ser verdadeiros núcleos animadores da CEP.
- Comunidades pequenas ou dispersas com muitas frentes de trabalho.
- Comunidades sem coadjutores (a originalidade da comunidade salesiana é a relação no seu interior entre salesiano coadjutor e salesiano padre).
- Novas formas de vida comunitária.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG24 154, 173-174;

Atos do Conselho: ACG 365, p. 37-40.

2. Comunidade: o testemunho evangélico

a) Experiência espiritual da comunidade

- Testemunhas de Deus e empenho compartilhado de santificação.
- Experiência e conhecimento comunitário da espiritualidade salesiana.
- Cuidado com a qualidade e ritmo sistemático de oração pessoal e comunitária.
- Qualidade da comunicação espiritual na comunidade.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CGE 523, 525, 534-536;

CG21 42, 44-45, 237;

CG23 215-217;

CG24 205, 239-241;

Atos do Conselho: ACG 363, p. 23-27;

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”:
12, 13, 15, 20;

“Vita Consecrata”: 92-93.

b) Testemunho da nossa prática dos Conselhos Evangélicos diante dos jovens e leigos

- Estilo de autoridade e obediência evangelicamente significativo e profético na cultura atual.
- Significatividade da forma de viver a pobreza evangélica.
- Valor educativo e irradiante da nossa castidade religiosa.

Para a reflexão:

C 60-63;

Capítulos Gerais: CG24 151-153;

Atos do Conselho Geral: ACG 365, p. 32-36

ACG 366 (castidade)

ACG 367 (pobreza);

Documentos eclesiais: “Vita consecrata”: 84ss.

c) A “graça de unidade”

- Elementos que ajudam a superar a fragmentação entre oração, trabalho, estudo, fraternidade, interioridade.
- Como ajudar-se na vivência da integração das diversas dimensões de nossa vida: consagração, comunhão e missão.
- Relação renovada com Cristo Pastor para não esvaziar a missão do seu conteúdo evangélico.

Para a reflexão:

C 3, 21;

Capítulos Gerais: CGE 127; CG23 332; CG24 205;

Atos do Conselho: ACG 330, p. 26-30

ACG 354, p. 37-40

ACG 365, p. 27-32;

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”: 12-20.

d) A comunidade como lugar de amadurecimento e crescimento vocacional

- A comunidade como ambiente que ajuda os irmãos a viverem com alegria e clareza a própria vocação salesiana.

- Ser co-responsável da fidelidade vocacional dos irmãos na comunidade.

- O acompanhamento pessoal na comunidade.

Para a reflexão:

C 52, 119;

Documentos eclesiais: “Vita consecrata”: 64; 69-70.

3. Comunidade: a presença animadora entre os jovens

a) Comunidades abertas e acolhedoras

- Disponibilidade para compartilhar a vida pessoal e comunitária com os jovens.

- Estilo de vida comunitária que favoreça a aproximação dos SDB em relação aos jovens e leigos.

Para a reflexão:

C 39;

Capítulos Gerais: CGE 507; CG23 225-230; CG24 284;

Atos do Conselho: ACG 363, p. 16-17.

b) Uma presença animadora

- Atitudes e exigências para viver a presença animadora entre os jovens, segundo o estilo do Sistema Preventivo de Dom Bosco.

- Paixão educativa e evangelizadora.

- Comunidade, escola de fé: ambiente de “contágio” da espiritualidade salesiana.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG24 159, 237;

Atos do Conselho: ACG 363, p. 23-27; 35-38.

c) Comunidade aberta aos desafios do mundo juvenil

- A comunidade salesiana diante das situações de pobreza, injustiça, globalização não solidária.
- A comunidade salesiana nos contextos de pluralidade étnica e religiosa.

Para a reflexão:

Atos do Conselho: ACG 365, p. 32-36.

d) Uma presença que se torna proposta vocacional

- Capacidade de proposta e animação de itinerários vocacionais para os jovens.
- Disponibilidade para o acompanhamento.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG23 155, 247-253; CG24 252-253;

Atos do Conselho: ACG 364, p. 40-45;

Documentos eclesiais: “A vida fraterna em comunidade”: 57.

4. Animação comunitária

a) O Diretor

- Elementos que podem ajudá-lo a dar prioridade efetiva à animação da comunidade salesiana,
- e ao acompanhamento de cada irmão para viver com “coração oratoriano”.
- Elementos de formação permanente oferecidos ao diretor na comunidade e na Inspetoria.
- A participação do Conselho na co-responsabilidade da animação.

Para a reflexão:

C 55, 178;

Capítulos Gerais: CG21 49-57; CG24 172;

Atos do Conselho: ACG 306 (a animação do diretor salesiano);
ACG 365, p. 42-45

Conclusões da última Visita de Conjunto em cada Região.

b) Elementos e exigências para garantir o dinamismo e o processo de formação permanente na vida cotidiana da comunidade

- Elementos para a formação à nova forma de vida comunitária salesiana.

- O dia da comunidade.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG23 222, 247-253; CG24 248, 252-253;

Atos do Conselho: ACG 363, p. 39-41;

Conclusões da última Visita de Conjunto em cada Região.

c) Constituição da comunidade em relação com as obras

- Condições mínimas para tornar possível uma vida fraterna de transparência evangélica e de presença animadora.

- Colocação das obras e presenças para que não sufoquem uma vida comunitária de qualidade.

Para a reflexão:

Capítulos Gerais: CG24 173-174; 236-238;

Conclusões sobre o tema “A comunidade núcleo animador” da última Visita de Conjunto.

II. ORIENTAÇÕES E SUBSÍDIOS PARA A REVISÃO DAS ESTRUTURAS DO GOVERNO CENTRAL

O mandato do CG24

O Capítulo Geral 24 aprovou a seguinte orientação operativa:

O CG24 pede ao Reitor-Mor com o seu Conselho que, no próximo sexênio, faça um estudo cuidadoso — servindo-se também da ajuda de especialistas — sobre o funcionamento do

Conselho Geral (em sua articulação de conselheiros de setor e regionais), pondo em ação as oportunas intervenções em vista de uma organização mais eficaz, potenciando organismos de estudo e escritórios operativos e com uma programação bem articulada.

O Reitor-Mor e o seu Conselho estudem também a forma de fazer uma revisão mais profunda das estruturas do governo central, envolvendo os Capítulos Inspetoriais em vista do CG25 (n^o 191).

Sentido da revisão

O CG24 pedia a revisão do governo central, tanto em relação ao seu funcionamento quanto à própria articulação e organização de suas estruturas.

O primeiro aspecto era confiado ao Reitor-Mor com o seu Conselho durante o sexênio, por meio de estudos e experiências (apresenta-se mais adiante uma breve síntese dos passos dados pelo Conselho Geral). Quanto ao segundo aspecto, pedia ao Reitor-Mor com o seu Conselho que estudasse o modo de fazer a revisão das estruturas do governo central envolvendo os CI em vista do CG25

Não se trata, agora, de fazer um estudo das estruturas de governo da Congregação, mas de enfrentar os aspectos da organização do governo central que, segundo a experiência das Inspetorias, exigem, neste momento, alguma mudança para corresponder melhor às exigências atuais da missão.

Deseja-se, portanto, centralizar a consulta:

- na revisão da incidência e utilidade das intervenções do governo central nas Inspetorias (primeira questão);
- nas expectativas de animação e governo, sentidas com mais urgência por parte dos organismos centrais, segundo os princípios que inspiram a natureza, a organização e as possi-

bilidades reais (segunda questão).

Fica sempre aberta aos CI a possibilidade de dar outras sugestões e propostas para a melhoria das estruturas do governo central da Congregação (terceira questão).

É preciso proceder, em toda esta reflexão, com mentalidade de Congregação, ou seja, partindo da própria experiência e realidade, fazer o esforço de abrir-se às necessidades e expectativas do conjunto da Congregação.

Questões colocadas à reflexão das Inspetorias para a revisão das estruturas do governo central

1. Revisão da forma como o serviço de animação do governo central chega à Inspetoria

Considerando a experiência dos últimos anos, qual a incidência e utilidade das intervenções do Reitor-Mor e dos Conselheiros Gerais na Inspetoria, tanto dos Conselheiros de setor, quanto dos Conselheiros regionais.

2. Expectativas das Inspetorias quanto às estruturas do governo central:

2.1 O que a Inspetoria espera de um *setor* (dicastério)?

2.2 *Quais setores* devem, sem mais, estar sob a responsabilidade direta de um Conselheiro Geral, para poder responder melhor às exigências de unidade e organização da missão salesiana hoje?

2.3 O que a Inspetoria espera do *Conselheiro Regional*?

2.4 O que a Inspetoria espera da *Visita extraordinária*?

3. Outras sugestões eventuais para a estrutura do governo central da Congregação.

Elementos para iluminar a reflexão

1. Alguns princípios permanentes confirmados pelos últimos Capítulos Gerais

• *O princípio de unidade e comunhão*

Uma nota constantemente presente nas estruturas de governo é da *unidade ao redor do Superior*, considerado sempre como centro de unidade e animador da comunhão na comunidade, em todos os níveis.

O CGE sublinha, com estas palavras, que isso faz parte do carisma: “As estruturas e a organização dadas por Dom Bosco à sua Congregação e, sobretudo, a forte exigência de unidade não eram simplesmente um produto das correntes centralizadoras da época. Eram uma exigência intrínseca e emanavam do modo totalmente concreto com que Dom Bosco quis organizar a sua Congregação” (CGE 718).

A “relação de unidade”, que tinha como termo vital de referência a pessoa de Dom Bosco, depois da sua morte, refere-se ao Reitor-Mor, Sucessor de Dom Bosco (cf. CGE 719). Isso tudo está bem expresso no art. 122 das Constituições. Para nós, Salesianos, portanto, a autoridade pessoal do Superior não é apenas um fato de direito canônico, mas uma exigência fundada no carisma da Congregação.

• *O estilo familiar no exercício da verdadeira autoridade*

O Capítulo Geral Especial sublinhou outra característica, típica do nosso espírito salesiano, tanto no exercício da autoridade quanto da obediência: o estilo familiar, que se relaciona à preocupação de uma estrutura bem organizada e unida ao redor do superior (cf. CGE 714).

Justamente esse estilo familiar faz com que, na práxis da

Congregação, as estruturas de governo permitam sempre uma certa flexibilidade, deixando ao superior espaço de escuta e diálogo com os irmãos e colaboradores, possibilidade de envolvê-los em tarefas e projetos, valorizar os seus dotes e capacidades, tornando-os plenamente participantes da missão comum. Podem-se ler, nessa linha, também os artigos das Constituições que se referem à participação e co-responsabilidade (cf. C 123).

Este estilo pode ser visto também no fato que, embora explicitando as principais tarefas dos responsáveis do governo (em relação também às exigências do Código de Direito Canônico), deixa-se sempre uma certa possibilidade de discrição (mais evidente nos primeiros textos das Constituições) pelo que o Superior pode confiar aos seus colaboradores imediatos no governo, tarefas específicas que creia necessárias ou úteis para a missão da Sociedade.

• *Estruturas e missão da Sociedade*

A primeira indicação dada pelo CGE enfrentando o tema das estruturas refere-se ao vínculo entre estas e a missão da Sociedade, em seus diversos níveis. “As estruturas de governo só têm uma função de meio para alcançar determinados fins de uma Sociedade” (CGE 713). “As nossas estruturas têm concretamente como finalidade apoiar a vida e a atividade da Congregação” (CGE 706).

Obedecendo a esse princípio, vê-se que nas estruturas do governo central — concretamente no Conselho Geral — ao lado do Superior, que é o centro de unidade, estão presentes alguns colaboradores cujos papéis se relacionam com aquelas

que são tidas como dimensões fundamentais na vida e missão da Congregação.

Um dos pontos certamente qualificadores do CGE e dos sucessivos Capítulos 21 e 22, foi o de definir melhor — também em vista do texto renovado das Constituições — aqueles que se acreditavam ser os setores prioritários para a animação, em relação justamente à vida e missão da Sociedade, aos quais correspondem os setores no Conselho Geral. São estes, nas Constituições aprovadas pelo CG22:

- formação do pessoal (noviços e irmãos);
- pastoral juvenil (estendida à toda a pastoral salesiana);
- Família Salesiana;
- Comunicação Social;
- Missões;
- Economia.

Permanece, obviamente, a figura do Vigário que “é o primeiro colaborador do Reitor-Mor no governo da Sociedade... É-lhe confiado de modo especial o cuidado da vida e da disciplina religiosa” (C 134).

• *A descentralização e a subsidiariedade*

Uma linha que podemos considerar “constante” nas estruturas da Congregação — embora com acentuações obviamente diversas nos períodos sucessivos de desenvolvimento — é a responsabilidade dada às estruturas e autoridades locais e intermédias. É o que se evidencia hoje por meio dos princípios de “subsidiariedade” e “descentralização”, que o Concílio Vaticano II e — para nós — o Capítulo Geral Especial relançaram de forma renovada, ao lado do indispensável princípio da unidade. Lemos nos documentos do CGE: “A descentralização provê à necessária distribuição dos poderes: chega-se assim à mais simples e rápida solução dos problemas, à maior

eficiência e à mais ampla valorização das pessoas. A realização concreta da descentralização é relevada com maior evidência nas estruturas em nível regional, inspetorial e local: é aqui o lugar natural onde exprimem-se os poderes descentralizados” (CGE 720).

No Capítulo Geral XIX e depois no CGE — na perspectiva de uma atuação mais concreta da descentralização, sem perder, porém, o indispensável valor da unidade — é introduzida a figura do Conselheiro Regional. O seu papel responde, de um lado, à exigência de acompanhar os movimentos da base — na autonomia das iniciativas inspetoriais ou regionais — levando-os ao centro, e, de outro lado, fazer sentir à base (Inspetorias ou grupos de Inspetorias) as exigências de unidade no carisma e na missão vindos do centro. Sob estes aspectos, o Regional é tipicamente uma figura de “ligação” e de “coordenação”; ligação “vertical” (apresentar ao Conselho Geral as situações e exigências das Inspetorias e vice-versa, e cuidar do diálogo constante: cf. CGE 724), e “ligação” horizontal, estimulando encontros, confrontos, reflexões etc., sobre matérias de interesse comum.

2. Passos dados pelo Conselho nos últimos anos e pontos que considera adquiridos e a serem mantidos neste momento

Respondendo ao mandato recebido, o Reitor-Mor com o seu Conselho *examinou e estudou a deliberação do CG24* de maneiras variadas:

- Elaborando a programação comum do sexênio e um Vademecum do Conselho Geral em que se recolham e articulavam os papéis e funções de cada Conselheiro; estes elementos facilitaram o funcionamento mais coordenado e unitário.

- Estudando os aspectos históricos e as motivações que levaram às atuais estruturas.

- Examinando o funcionamento do atual governo mediante;
 - a interpelação de especialistas (*Coopers & Lybrand*) que examinaram as atuais estruturas e as problemáticas que apresentam em função da realização da missão da Congregação;
 - a consulta a outras Congregações e Ordens religiosas sobre as estruturas e sua experiência;
 - o estudo de um grupo de irmãos da Casa Geral sobre a organização e funcionamento da direção geral;
 - as sugestões de um grupo de Inspetores convocados pelo Reitor-Mor.

A partir desses estudos e da experiência destes anos, o Conselho assinalou alguns aspectos que considera *como importante reafirmar e manter* neste momento:

- a natureza do Conselho Geral, que assiste o Reitor-Mor e com ele colabora na função de governo e animação da Congregação;
- a articulação do Conselho em Conselheiros de setor e Conselheiros regionais é considerada positiva para a animação e governo da Congregação;
- é necessária para garantir a unidade de orientação e ação, a residência dos Conselheiros Regionais em Roma;
- é recomendável que as Visitas Extraordinárias sejam feitas por um membro do Conselho;
- os setores (dicastérios) podem ser, e talvez deverão ser, divididos de modo diverso;
- alguns ambientes da missão podem ser confiados a secretários centrais (cf. R 108).

Assinalou, também, algumas *áreas de dificuldade*, como por exemplo:

- o número excessivo de Conselheiros pode tornar pesada a dinâmica do governo central;

- a multiplicação e crescente complexidade dos setores a serem animados, assim como a existência de realidades transversais que interessam diversos dicastérios;

- a comunicação entre Centro e Inspetorias: desproporção entre propostas feitas e o ritmo de assimilação e atuação; dificuldade de acompanhar processos; a coordenação das intervenções dos setores nas Inspetorias...;

- a harmonização dos dois papéis do Regional: visita extraordinária às Inspetorias e acompanhamento e animação dos processos e da coordenação na Região.

AS CONTRIBUIÇÕES A SEREM ENVIADAS AO REGULADOR

Devem chegar ao Regulador do Capítulo Geral três blocos de contribuições:

- as *respostas* às questões *sobre o tema principal* do Capítulo: “A comunidade salesiana hoje”, segundo as diversas partes assinaladas no roteiro;

- algumas *experiências significativas de vida comunitária salesiana*, especialmente em situações particulares como, por exemplo, comunidades envelhecidas, comunidades com muitas frentes de trabalho, comunidades pequenas etc., fazendo emergir como são vividos os elementos fundamentais da nossa vida religiosa salesiana, quais as dificuldades encontradas e como foram enfrentadas e o enriquecimento tido em nível tanto das pessoas quanto da missão;

- as *respostas* às diversas questões *sobre a revisão das estruturas de governo*.

A fim de facilitar as respostas, o Regulador enviará oportunamente às Inspetorias, via *E-mail*, algumas fichas com indicações precisas.

2.3 OS CAPÍTULOS INSPETORIAIS

INDICAÇÕES PARA A PREPARAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO CAPÍTULO INSPETORIAL

2.3.1 Atribuições do Capítulo inspetorial

«O Capítulo inspetorial — diz o art. 170 das Constituições — é a reunião fraterna em que as comunidades locais reforçam o sentido de sua pertença à comunidade inspetorial, mediante a solicitude comum pelos problemas gerais. É também a assembleia representativa dos irmãos e das comunidades locais».

As atribuições do Capítulo inspetorial são indicadas pelos artigos 170 das Constituições e 169 dos Regulamentos Gerais.

Deve-se ter presente a distinção prática existente entre o Capítulo inspetorial convocado “*em preparação ao Capítulo geral*” e o “*intermédio*” (celebrado no intervalo entre um Capítulo geral e o seguinte).

No caso presente, o Capítulo inspetorial é convocado direta e prioritariamente para preparar o CG25. Por isso:

1. *Estudará em primeiro lugar e principalmente o tema do CG25: “A comunidade salesiana hoje”*. Responderá, também, aos quesitos colocados para a *revisão das estruturas de governo* (cf. n. 2.2, roteiro de reflexão, parte II, nestes ACG).

2. *Elegerá o Delegado (ou Delegados) ao Capítulo Geral e seus suplentes (C 171,5)*.

Além das tarefas prioritárias, o Capítulo poderá tratar *outros assuntos, relacionados mais imediatamente com a Inspetoria,*

considerados particularmente importantes, de acordo com as *Constituições* art. 171,1- 2.

2.3.2 A preparação do Capítulo inspetorial

Recebida a carta de convocação do CG25 feita pelo Reitor-Mor, é conveniente que o Inspetor convoque **uma reunião do Conselho inspetorial** para:

- aprofundar a natureza e as finalidades do CG25, e esclarecer o significado e os objetivos do CI que o prepara;
- tomar contato com o roteiro de reflexão sobre o tema marcado para o CG25 e estudar as normas que regulam a preparação e o desenvolvimento do CI e sua aplicação;
- estudar as motivações e os meios aptos de envolver irmãos e comunidades;
- nomear o *Regulador do CI* (R 168) e convidar eventuais peritos e observadores ao CI (R 168). Oportunamente o Inspetor com o seu Conselho poderá nomear uma *Comissão preparatória*, que ajude o Regulador na preparação do Capítulo inspetorial.

A *Comissão preparatória inspetorial* não é prescrita pelos Regulamentos Gerais. Todavia, revelou-se útil em muitas Inspetorias na preparação do CI. Sua criação é uma faculdade do Inspetor com o seu Conselho.

A **convocação do CI** deve ser feita com uma carta do Inspetor, em que incentivará à reflexão sobre o tema e à participação nos trabalhos do CI. Nela apresentará:

- o nome do Regulador;
- os membros da Comissão preparatória;
- a data de início e o lugar onde se realizará o CI, considerando a possibilidade de várias sessões;

• como serão reunidas as comunidades que não alcancem o número de seis irmãos para eleger o delegado ao CI e do seu suplente (cf. R 163).

Após a eleição dos delegados das comunidades locais, o Inspetor numa segunda carta:

- comunicará aos irmãos os nomes dos eleitos,
- e apresentará a lista dos irmãos professos perpétuos elegíveis ao CI como delegados dos irmãos da Inspetoria (cf. R 165, 1-2).

2.3.3 O Regulador do CI

• estabelecerá e comunicará às comunidades as datas das eleições:

- dos delegados das comunidades e seus suplentes;
- dos delegados dos irmãos (da lista inspetorial);
- dos eventuais novos suplentes das comunidades quando um suplente da comunidade tiver sido eleito na lista inspetorial;

• enviará às comunidades as normas que regulam a eleição dos delegados das comunidades locais e as folhas de ata; comunicará ainda as modalidades estabelecidas para a eleição dos delegados dos irmãos da Inspetoria.

2.3.4 A eventual Comissão preparatória inspetorial

• terá a tarefa de estudar, propor ao Inspetor e promover todas as iniciativas consideradas úteis para:

- a.** sensibilizar os irmãos às perspectivas capitulares (com palestras, dias de estudo, encontros de grupos e comunidades...);
- b.** ajudar os irmãos a se predisporerem espiritualmente aos trabalhos e empenhos propostos para o Capítulo (retiros, dias de oração, celebrações etc.);

c. esclarecer o tema capitular e ajudar os irmãos no seu estudo: será proveitoso entregar a cada irmão cópia do roteiro de reflexão apresentada nestes Atos (cf. p. 37-38).

A Comissão preparatória poderá também interessar, oportunamente, os membros da Família salesiana e os amigos das nossas obras (FMA, VDB, Cooperadores, Ex-alunos, alunos mais conscientes, Religiosos, membros qualificados do Clero, entre os quais os nossos Bispos e Prelados etc.), solicitando colaboração nas modalidades e no contexto permitidos pelas nossas normas e pela situação local.

O Regulador, com a Comissão preparatória, ainda:

- mandará fichas, de acordo com o modelo indicado pelo Regulador do CG25, para a coleta das contribuições e da reflexão dos irmãos e/ou das comunidades;
- marcará a data para enviar as fichas ao Regulador do CI;
- estudará as contribuições e propostas mandadas pelos irmãos, organizando o material útil para a reflexão e as decisões do CI.

2.3.5 Realização do Capítulo inspetorial

Cuide-se para que o Capítulo inspetorial aconteça em clima de fraternidade, reflexão e oração, na busca da vontade de Deus para responder sempre melhor às esperanças da Igreja e dos jovens hoje. Será importante, para isso, uma conveniente preparação da liturgia quanto ao conteúdo, modalidades, subsídios etc.

Para o desenvolvimento dos trabalhos, cada Capítulo inspetorial terá um breve *regulamento*, onde serão explicitadas as normas de trabalho, as modalidades de discussão e a organização dos Capitulares em grupos de estudo ou Comissões. Leve-se em conta nesse regulamento as normas indicadas pelas Constituições e Regulamentos (C 153 sobre as modalidades das eleições, R 161.164.169) e por eventuais disposições do Diretório inspetorial.

Para a *comunicação* das propostas e contribuições ao CG25 deve-se obedecer escrupulosamente às indicações dadas pelo Regulador do CG25.

Particularmente as propostas e contribuições devem ser escritas em “fichas” próprias, indicando claramente o ponto do “roteiro” ao qual se referem.

As propostas do CI trarão o resultado da votação.

2.3.6 Participação das comunidades e dos irmãos

Concluindo estas indicações é conveniente listar alguns empenhos das comunidades e de cada irmão.

2.3.7 As comunidades

- Acompanham todo o processo capitular com a oração cotidiana.
- Elegem o próprio delegado ao CI e seu suplente. Preenchem a folha de ata da eleição, de acordo com o modelo enviado pelo Regulador.
- Recebem e estudam, possivelmente em comum, os estímulos e o material que o Regulador faz chegar para a sua sensibilização.
- Aprofundam o tema do CI, em preparação ao CG25, e enviam as contribuições e propostas.

2.3.8 Os irmãos individualmente

- Votam na eleição do delegado da própria comunidade e de seu suplente.
- Participam da eleição dos delegados dos irmãos da Inspetoria.
- Estudam pessoalmente o tema, utilizando os subsídios e a

troca de idéias da própria comunidade.

- Envia contribuições e propostas pessoais ao CI e colaboram na formulação e discussão das propostas e contribuições da própria comunidade.

- Podem enviar, propostas e contribuições pessoais diretamente ao Regulador do CG25.

- Seguem, por meio da informação e da oração, a preparação, o desenvolvimento e as conclusões do próprio CI.

2.4 NORMAS PARA AS ELEIÇÕES

2.4.0 Introdução: legitimidade e validade dos atos

O Capítulo inspetorial (CI) é um ato comunitário, cujo valor e conseqüências transcendem a comunidade inspetorial e o tempo em que ele se realiza.

O Capítulo inspetorial, com efeito, elege os delegados para o Capítulo Geral e elabora propostas para o mesmo Capítulo Geral. O Capítulo Inspetorial pode ainda emanar algumas deliberações que, aprovadas pelo Reitor-Mor com seu Conselho (cf. C 170), terão obrigatoriedade para todos os irmãos da Inspetoria, também para aqueles que não participaram diretamente das decisões.

O seu desenvolvimento é, pois, regulamentado por normas que garantem a legitimidade e validade dos atos. Tais normas são codificadas no direito comum e em nosso direito próprio (Constituições e Regulamentos Gerais), do qual o mesmo CI recebe a sua autoridade.

A observância das normas relativas à legitimidade e clareza na compilação dos documentos oficiais asseguram limpidez e velocidade aos trabalhos sucessivos e evitam atrasos, recursos, explicações e “sanatórias”.

Em seguida, para prestar um serviço ao Inspetor e ao Regular do CI, apresentam-se aqui uma série de normas e de indicações jurídicas.

Estas normas referem-se a:

- *Ereção canônica das Casas;*
- *Nomeações;*
- *Cômputo dos irmãos e as várias listas a preparar;*
- *Atas das eleições dos delegados e de seus suplentes;*
- *Casos particulares;*
- *Indicações formais.*

2.4.1 Ereção canônica das Casas

A ereção canônica da Casa é indispensável (cf. cân. 608; 665 I) para que os irmãos possam reunir-se em assembléia com poder jurídico de eleger validamente o delegado ao CI e para que o presidente da assembléia dos irmãos (o Diretor: C 186) participe de direito ao CI (C 173,5).

O documento de ereção deve estar no Arquivo da Casa.

Para as casas que existiam antes de 1926, como comunidades autônomas (e não “filiais”), é suficiente que resulte a existência anterior àquela data em que todas as comunidades existentes foram erigidas canonicamente sem documentos individuais. A mesma ereção foi feita para as casas da Polônia em 1930.

É necessário, portanto:

a) verificar em tempo a ereção canônica de cada Casa ou Comunidade;

b) cuidar quanto antes das práticas relativas à ereção canônica daquelas Casas ou Comunidades ainda não eretas, antes da eleição dos delegados;

Para erigir canonicamente uma Casa, o Inspetor deve garantir a presença de pelo menos três irmãos (cân. 115,2); deve, além disso, obter o consentimento do seu Conselho e o atestado do Bispo diocesano ou seus equivalentes (cân. 609, I); deve fazer pedido formal ao Reitor-Mor e, finalmente, receber o decreto de ereção canônica do próprio Reitor-Mor (cân. 132,2).

c) O Inspetor indique oficialmente, de maneira clara e explícita, os grupos de irmãos pertencentes a “presenças” ainda não canonicamente eretas (por vários motivos) ou que pertençam a Casas canonicamente eretas, mas, com número inferior a seis: as normas dessa designação estão no art. 163 dos Regulamentos gerais.

Com relação às “presenças” não canonicamente eretas, o Inspetor providenciará que o grupo dos irmãos seja designado a uma casa já ereta canonicamente, onde tais irmãos possam realizar os deveres e exercer os direitos de eleitores, junto com os irmãos dessa casa. Lembre-se que o “encarregado” de uma presença não participa de direito ao CI.

Com relação às casas canonicamente eretas, mas com número de irmãos inferiores a seis, aplique-se o que diz o artigo 163 dos Regulamentos: se for possível, o Inspetor determine que se reúnam sob a presidência do Diretor mais antigo de profissão, até alcançar o número mínimo de seis. Assim, juntos, elegerão o delegado ao CI e seu suplente. Se as circunstâncias não permitirem reunir as comunidades com menos de seis professores, o Inspetor unirá a comunidade com menos de seis professores a uma maior (com seis ou mais professores) e, juntas, as duas comunidades procederão, com igual direito ativo e passivo, à eleição do delegado e do suplente para o CI. Lembre-se que o Diretor, mesmo de comunidade com menos de seis professores, quando canonicamente ereta, participa de direito ao CI.

2.4.2 As nomeações

É preciso verificar que as nomeações daqueles que tomam parte de direito no CI estejam em regra e não tenham passado

do prazo. Isso é particularmente importante nas regiões onde o CI for realizado em datas de mudança normal de pessoal e de novos encargos.

A nomeação está em regra quando:

- a)* foi feita de acordo com as Constituições;
- b)* aquele que foi nomeado tomou posse do seu cargo com os respectivos registros;
- c)* não se esgotou o tempo do mandato.

Em 23/6/78, o Conselho Superior, decidia em relação à tomada de posse e ao término do mandato, que:

- a nomeação de irmãos aos diferentes cargos, tanto locais como inspetoriais, deve-se entender que começam a vigorar no momento da tomada de posse do cargo com os relativos registros;

- esses irmãos permanecem no cargo até a sucessiva tomada de posse no cargo pelos seus sucessores; a sucessão não deve acontecer além de um trimestre do término de seu mandato.

O que foi dito anteriormente aplica-se nos vários casos:

- aos Inspectores e Superiores de Visitadorias ou Circunscrições especiais (cf. C 162 e 168);
- aos membros dos Conselhos Inspetoriais (cf. C 167);
- aos Superiores das Delegações Inspetoriais (cf. C 159);
- aos Diretores (cf. C 177);
- aos Mestres de Noviços (cf. C 112).

Para o Vice-Diretor local, visto que, a juízo do Inspetor, pode substituir o Diretor gravemente impedido (cf. C 173,5;), é necessário que exista um documento formal de nomeação como Vice-Diretor. É suficiente a carta de obediência mandada ao irmão. Deve constar ainda de um documento, que o Inspetor

reconheceu o grave impedimento do Diretor e aprovou a participação do Vice-Diretor ao CI.

2.4.3 Contagem dos irmãos e listas a serem preparadas

A contagem dos irmãos que pertencem à Inspetoria (ou Visitadoria) para o CI é muito importante. Serve para determinar:

a) o número dos Delegados da Inspetoria (ou Visitadoria) que participam do CI (cf. C 173,7; R 161-166);

b) o número dos Delegados que a Inspetoria (ou Visitadoria) envia ao Capítulo Geral (cf. C 151,8; R 114-115.118).

Para as Circunscrições com Estatuto Especial: tanto a composição do Capítulo Inspetorial quanto o número dos Delegados ao Capítulo Geral são fixados no decreto de ereção da própria Circunscrição.

Organize-se, portanto, uma lista geral dos Irmãos da Inspetoria, para a contagem em vista do CI.

Além dela, serão elaboradas outras “listas” úteis para a realização do CI. São elas:

- lista dos que participam “de direito” do CI;
- lista dos irmãos com “voz ativa”;
- lista dos irmãos com “voz passiva”.

Apresentam-se em seguida, as normas que regulam a elaboração de cada uma das listas.

2.4.4 1. Lista geral dos irmãos que pertencem à Inspetoria (ou Visitadoria) em vista do CI

Observe-se que esta lista dos irmãos que pertencem à Inspetoria em vista do CI não coincidem com a lista que se pede todos os anos com finalidade estatística: nestas, são incluídos também os irmãos em situação “irregular”.

Consideram-se pertencentes à Inspeção (ou Visitadoria) em vista do CI:

A. os irmãos que emitiram a primeira profissão na Inspeção (ou Visitadoria), e que ainda nela residem no ato da contagem (C 160);

B. os irmãos provenientes de outra Inspeção (ou Visitadoria) após *transferência definitiva*, e que residem agora nela no ato da contagem (cf. R 151);

A *transferência definitiva* é decidida pelo Reitor-Mor (cf. R 151). Devem ser considerados “definitivamente” transferidos:

- os irmãos que, no ato da ereção de uma nova Inspeção ou Visitadoria, são a ela designados (cf. ACS n. 284, p. 68, 3.2);

- os missionários que retornam definitivamente à Pátria e são designados pelo Reitor-Mor à Inspeção por ele considerada mais idônea às suas condições;

- todos aqueles para os quais o Reitor-Mor (ou o seu Vigário) emitiu um decreto de *transferência definitiva*.

C. os irmãos que, no ato da contagem residem na Inspeção (ou Visitadoria), apesar de pertencerem a outra Inspeção (ou Visitadoria) por *transferência temporária*, como prescreve o art. 151 dos Regulamentos;

A *Transferência temporária* acontece:

- mediante mandato de obediência (por ex., quando um irmão é enviado por obediência a exercer um encargo — diretor, mestre de noviços, professor, etc... — numa outra Inspeção), pelo tempo em que durar o mandato;

- ou mediante acordo entre os dois Inspectores, quando um irmão é enviado para prestar serviço em auxílio a outra Inspeção (cf. R 151).

Os irmãos transferidos embora temporariamente devem ser computados e votam somente na Inspetoria onde trabalham atualmente.

D. os irmãos que pertencem à Inspetoria por um dos títulos acima apresentados [A) + B) + C)], mas estão temporariamente ausentes por motivos legítimos”.

De acordo com o art. 166 dos Regulamentos Gerais, devem ser considerados “legitimamente ausentes” e, portanto, incluídos na lista, os seguintes:

a. os irmãos da Inspetoria (ou Visitadoria) que, no ato da listagem, moram provisoriamente numa casa salesiana de outra Inspetoria (ou Visitadoria) por mandato expresso do Inspetor da Inspetoria à qual pertencem, por motivos específicos de estudo, doença, encargo de trabalho recebido do próprio Inspetor.

Estes irmãos, aqui indicados — temporariamente ausentes por estudo, doença, encargo de trabalho dado pelo próprio Inspetor — não são “transferidos” nem temporariamente para outra Inspetoria. Eles:

- votam na casa onde moram (fora da própria Inspetoria) para a eleição do Delegado da Comunidade;
- entram, entretanto, na lista inspetorial da Inspetoria a que pertencem para a eleição do Delegado dos irmãos da Inspetoria.

Entenda-se que o trabalho dado pelo próprio Inspetor, do qual se fala aqui, deve ser efetivamente um trabalho para a própria Inspetoria de origem. Não é, evidentemente, o caso de um irmão que mora e trabalha numa casa interinspetorial, por exemplo: numa comunidade formadora ou centro de estudos interinspetorial, o pessoal formador ou docente (não os estudantes) pertencem, para todos os efeitos, à Inspetoria do lugar onde a casa está situada, e devem ser computados nessa Inspetoria (trata-se aqui de “transferência temporária”, enquanto permanecerem no cargo);

b. os irmãos que receberam do próprio Inspetor a licença de “absentia a domo” (cf. cân. 665) ou receberam do Reitor-Mor (ou da Sé Apostólica), o indulto de “exclaustração” (cf. cân. 686). Os irmãos “exclaustrados” (cân. 689) ou “absentes a domo” (cân. 665), cuja licença de ausência não tenha caducado, são religiosos salesianos e, portanto, devem ser contados na lista geral. Contudo:

- os exclaustrados, de acordo com o direito comum (cân, 687), não têm direito a voz ativa e passiva;
- os “absentes a domo” podem ser privados do direito de voz ativa e passiva, a juízo do Inspetor (especialmente quando se tratar de ausência concedida por motivos vocacionais), no ato de conceder-se a ausência; leia-se sobre o assunto a carta do Vigário do RM de 20.01.1985).

2.4.5 A fim de esclarecer ulteriormente, contam-se aqueles que, apesar de pertencerem ainda à Inspetoria (ou Visitadoria), não devem ser incluídos na lista do CI (e, portanto, não devem constar nessa lista):

A. os irmãos que apresentaram pedido formal de dispensa do celibato sacerdotal ou diaconal; ou apresentaram pedido formal de secularização e dispensa dos votos perpétuos ou temporários;

De acordo com o costume, para os efeitos do CI, não se contam os irmãos que apresentaram pedido formal para deixar a Congregação, mesmo que o processo esteja em andamento e ainda não concluído.

B. os irmãos que se encontram, *por algum motivo, ilegítimamente fora da comunidade* (= irmãos em situação “irregular”).

2.4.6 É oportuno ter presente a seguinte norma, dada pelo Reitor-Mor, por ocasião do CGE, e que ainda é válida:

As passagens de Inspetorias, feitas sem as formalidades prescritas, ou quando não existem fatos e intervenções claras e documentadas, devem ser consideradas definitivas (portanto, com perda de todos os efeitos da pertença anterior), quando transcorreram *dez anos consecutivos* de residência na nova Inspetoria.

2.4.7 A “lista geral” dos irmãos da Inspetoria é aquela sobre a qual se faz a contagem tanto do número dos Delegados Inspe-

toriais ao CI (um a cada vinte e cinco ou fração: R 165,3), quanto do número dos Delegados ao CG (um, se o total dos irmãos for inferior a 250, e dois, se for igual ou superar os 250: R 114).

Tão logo seja feita essa lista geral, envie-se uma cópia ao Regulador do CG25, que tem o encargo de verificar a contagem de cada Inspeção (ou Visitadoria), para estabelecer a validade da eleição dos Delegados ao CG.

2.4.8 2. Lista dos participantes “de direito” ao CI

É a lista que o Inspetor (ou Regulador do CI) comunicará aos irmãos, para que saibam quais são os membros “de direito” do CI, tendo em vista as eleições em nível inspetorial.

Obedecendo o artigo 173 das Constituições, são membros de direito do CI:

- o Inspetor (ou Superior da Visitadoria), que preside ao CI;
- os Conselheiros Inspetoriais;
- os Delegados de cada Delegação Inspetorial;
- o Regulador do CI;
- os Diretores das casas canonicamente eretas;
- os Diretores das casas canonicamente eretas, mesmo que o número dos irmãos seja inferior a seis;
- o Mestre dos noviços.

Como já foi acenado, a composição do Capítulo das Circuncrições com Estatuto Especial é estabelecida pelo respectivo decreto de ereção.

2.4.9 3. Listas dos irmãos com “voz ativa” (eleitores)

Distingue-se um duplo nível:

Lista para eleição dos delegados de cada Comunidade

É elaborada em cada comunidade e compreende *todo os irmãos professos perpétuos e temporários que moram na comunidade*, incluídos os de outras Inspetorias (ou Visitadorias) que aí se encontram temporariamente por motivos de estudo, doença ou encargo recebidos do próprio Inspetor de origem (cf. R 165,2).

Lista inspetorial para a eleição dos Delegados da Inspetoria ao CI

Pertencem a essa lista, importante para a eleição em nível inspetorial, *todos os irmãos, professos perpétuos e temporários, inscritos na lista “geral” (lista 1), com exceção dos que não têm voz ativa e passiva.*

Não têm voz ativa e passiva, mesmo quando incluídos na lista geral dos irmãos da Inspetoria:

a. os irmãos que receberam o Indulto de excomunhão, segundo a norma do CDC (cf. cân. 687);

b. os irmãos que obtiveram a licença de “absentia a domo” e que, no ato da concessão da licença, renunciaram à voz ativa e passiva.

A renúncia à voz ativa e passiva para os “absentes a domo” deve resultar do documento com que o Inspetor, com o consentimento do seu Conselho, concede a licença de ausência. Leia-se a carta do Vigário do RM de 20.01.85.

2.4.10 4. Listas dos irmãos com voz passiva (elegíveis)

Podem ser eleitos Delegados da Comunidade ou Delegados da Inspetoria para o CI ou Delegados para o CG25. Distinguimos três tipos de listas:

Lista dos irmãos elegíveis ao CI como “delegados da comunidade”

Compreende todos os professores perpétuos da Comunidade (incluídos os de outra Inspeção que aí residem, ainda que só para estudos ou doença),

- excetuados os que já são membros de direito do CI (ver lista 2)
- e os que estão privados da voz ativa e passiva.

2.4.11 4.2 Lista dos irmãos elegíveis ao CI como “delegados da Inspeção”

Compreende todos os *professos perpétuos da “lista geral” inspetorial (ver lista 1), excetuados:*

- os que já são membros de direito do CI (ver lista 2),
- os delegados já eleitos validamente nas comunidades,
- os irmãos sem voz ativa e passiva (exclaustrados e “absentes a domo” que renunciaram à voz ativa e passiva).

2.4.12 4.3 Para a eleição do/s “delegado/s da Inspeção ao Capítulo Geral”, durante o CI, lembre-se que são elegíveis todos os *professos perpétuos da “lista geral” inspetorial (lista 1), exceto:*

- o Inspetor, que é membro de direito do CG,
- os Reitores Mores eméritos, presentes na Inspeção, que também são membros de direito do Capítulo Geral;
- os irmãos sem voz ativa e passiva.

2.4.13 Atas das eleições

- As modalidades para a votação e escrutínio dos votos nas

comunidades locais são apresentados nos artigos 161-163 dos Regulamentos Gerais (cf. também C 153).

As atas relativas à eleição dos Delegados das Comunidades locais e seus respectivos suplentes devem ser redigidas em folhas apropriadas e examinadas pela competente Comissão Inspetorial.

A Comissão Inspetorial para a revisão das atas das eleições dos Delegados das comunidades será nomeada pelo Inspetor, de acordo com o Regulador.

- As modalidades para as votações e o escrutínio dos votos dos Delegados da Inspetoria são apresentados no art. 165 dos Regulamentos.

Devem-se assinalar, nas atas relativas à eleição dos Delegados dos irmãos da Inspetoria:

- o dia do escrutínio,
- os nomes dos escrutinadores,
- a observância das modalidades exigidas pelos Regulamentos,
- os resultados.

As atas, redigidas em folhas apropriadas, devem ser assinadas por quem preside o escrutínio e pelos escrutinadores.

- A ata relativa à eleição dos Delegados ao CG e seus suplentes, deve ser redigida somente em folhas apropriadas e de acordo com as instruções nelas contidas. *Esta ata deve ser enviada tempestivamente ao Regulador do CG25*, que a transmitirá à competente Comissão Jurídica, nomeada pelo Reitor-Mor para a revisão prescrita (crf. R 115).

2.4.14 Casos particulares

• Os Bispos Salesianos, mesmo aposentados e residentes na Inspeção, não têm voz ativa nem passiva, e não votam no caso de serem convidados ao CI. A mesma norma é aplicada aos Bispos re-inseridos em comunidades salesianas (cf. AAS 1986, p. 1324).

• Os Reitores Mores eméritos têm direito de voz ativa e passiva na comunidade local em que estão inseridos e nas eleições dos irmãos da Inspeção; sendo eleitos Delegados ao CI (ou da Comunidade local ou dos irmãos), só tem voz ativa no CI, e não passiva, porque já são membros de direito do Capítulo Geral.

2.4.15 Indicações formais para compilação das listas dos irmãos

1. Numerar, progressivamente, os nomes dos irmãos.
2. Seguir a ordem alfabética e a grafia dos nomes, como consta do elenco geral de 2000.
3. Utilizar maiúsculas para o SOBRENOME PATERNO e minúsculas para o Nome de batismo.
4. Indicar com as siglas apropriadas se o irmão é Presbítero (P), Diácono (D), Leigo (L), Estudante “clérigo” (S).
5. Indicar com a letra “t” se o irmão é “temporário”.
6. Indicar o título de participação do CI:
 - a) por direito,
 - b) Delegado da Comunidade Local,
 - c) Delegado da Comunidade Inspeção.

2.5 TRABALHOS DA COMISSÃO TÉCNICA PREPARATÓRIA

O Reitor-Mor nomeou em 17 de abril de 2000, de acordo com o art. 112 dos Regulamentos, a Comissão técnica para o Capítulo Geral XXV (CG25), composta pelos seguintes irmãos: P. Stjepan Bolkovac, P. Francesco Cereda, P. James Gallagher, P. Corrado Pastore, P. Chris Saldanha, P. José Antonio San Martín.

Preside a Comissão o P. Antonio Domenech, já nomeado Regulador do CG25 no dia 13 de abril de 2000.

A Comissão Técnica reuniu-se em Roma nos dias 19-21 de maio de 2000 e, em várias encontros, estudou e elaborou as seguintes contribuições;

1. Definição do roteiro para a preparação do CG25, a partir da data de início estudada em âmbito de Conselho Geral.

2. Roteiro de reflexão sobre o tema do CG25, como subsídio oferecido aos Capítulos Inspetoriais e aos irmãos.

3. Roteiro de reflexão para a revisão das estruturas do governo central, segundo a deliberação do CG24, n. 119.

4. Sugestões para a preparação e realização dos Capítulos Inspetoriais.

5. Normas jurídicas úteis para os Capítulos Inspetoriais.

As contribuições da Comissão Técnica foram transmitidas pelo Regulador ao Reitor-Mor e fazem parte do presente número 372 dos Atos do Conselho Geral.

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Retornando a Roma depois da viagem à Venezuela para aí pregar os Exercícios Espirituais (cf. ACG 371, n. 4.1), o Reitor-Mor foi em 24 de março, acompanhado pelo diretor do *Boletim Salesiano* P. Giancarlo Manieri, à Universidade de Sociologia de Roma, onde presidiu à entrevista coletiva para a apresentação do seu recente livro/entrevista *Os guardiões dos sonhos com o dedo no mouse*. Presente, uma centena de estudantes.

Intervieram o professor Michele Sorice, docente de sociologia da comunicação, o Prof. Aldo Fontanarosa, jornalista do diário *La Repubblica* e docente de teoria e técnicas da linguagem; o Prof. Alberto Marinelli, docente de sociologia da comunicação; e o Dr. Carlo Di Cicco, jornalista, chefe de redação da agência ASCA, entrevistador e responsável pela redação do texto.

De **26 de março a 1º de abril**, em Roma Pisana, o P. Vecchi prega os Exercícios Espirituais aos diretores das duas Inspetorias Vênetas.

De **10 a 19 de abril**, são reali-

zados os trabalhos da **sessão intermédia do Conselho Geral**, com a presença de todos os Conselheiros, tendo como ordem do dia a definição do tema e outras providências do próximo Capítulo Geral 25. A reflexão tocou os Setores Formação, Família Salesiana, Missões e a Região África-Madagascar. Foram também nomeados os Inspetores de Valência (Espanha) e Guwahati (Índia). Em 19 de abril, o P. Vecchi encontra os responsáveis da UPS: Padres Cereda, Pellerey, Malizia e Nanni.

Celebrada a Páscoa na comunidade da Casa Geral, no domingo **30 de abril**, o Reitor-Mor vai a **Munique** para pregar os Exercícios Espirituais aos diretores das três Inspetorias da Alemanha e Áustria, com a participação de uns setenta irmãos.

Retornando a Roma, vai no dia **5 de maio** a Kinshasa e, em seguida, a Lubumbashi, para visitar a Inspetoria da África Central.

Chegando a **Kinshasa** no dia **6 de maio**, o Reitor-Mor é acolhido pelo Inspetor P. Camille Swertwagher e outros salesianos, e acompanhado à “Citè dès Jeunes”, onde

encontra os irmãos, jovens e paroquianos. Cumprimenta Dom Eduardo Kisonga, Bispo Auxiliar da diocese, há pouco consagrado.

Contemporaneamente chegam algumas autoridades civis: Dr. Pietro Ballero, Embaixador da Itália, Dr. Paolo Urbano, encarregado da colaboração italiana, o Sr. Ambrogio Cattanea, participante da colaboração, e o encarregado dos negócios da Ordem de Malta.

À tarde, chega à “Cité des Jeunes” o Card. Frederico Etsou e terminam os torneios dos Jogos da Juventude com a premiação, pelo Cardeal e pelo Reitor-Mor, dos times vencedores de vôlei, basquete e futebol entre entusiasmados aplausos e coros.

Ao final da premiação vai-se à igreja paroquial, dedicada a Dom Bosco, para a celebração eucarística, presidida pelo Cardeal. Concelebram com ele o Bispo Auxiliar Dom Eduardo Kisonga, um Bispo emérito, o Reitor-Mor, o Inspetor P. Camille Swertvagher e mais dez sacerdotes.

Em 7 de maio o Reitor-Mor parte para Lubumbashi. Visita todas as presenças salesianas: escolas, colégios, a “Cité des Jeunes”, centros de acolhida, o internato para universitários “Home Zain”, a casa de encontros “Safina”, o teologado, o noviciado, as paróquias e o policlínico.

Em todo os lugares, o P. Vecchi, depois de ser acompanhado na visita aos ambientes da obra, encontra-se com os jovens, paroquianos e irmãos. Visita também algumas presenças das FMA: a sede inspetorial, o noviciado, a Casa Laura Vicuña. É sempre acolhido com cordialidade, afeto e veneração.

Alguns momentos fortes da visita foram: o encontro com os irmãos no estudantado teológico; a bênção da nova sede do noviciado e o relativo encontro com os noviços e pós-noviços; a visita à “Cité des Jeunes” com a premiação dos Jogos Salesianos, dos quais participaram vários milhares de jovens da cidade e arredores; a visita ao Arcebispo Dom Floriberto Songa Songa e ao Governador Katumba Mwamke Augustin, ex-aluno salesiano; o encontro com a Família Salesiana no colégio “Imara” e com os diretores na sede inspetorial. Quanto à Família Salesiana, o Reitor-Mor encontrou individualmente os vários grupos: os salesianos no teologado, as FMA em sua casa de noviciado, os ex-alunos no colégio “Imara”, os Cooperadores em “Safina” por ocasião da promessa de 28 novos Cooperadores, as VDB na casa da Dra. Tortore, ao lado do Policlínico Dom Bosco.

O Reitor-Mor retorna a Kinshasa em 15 de maio, quando visita a casa das FMA dedicada a São

João Bosco e a “Maison d'accueil”, com paróquia anexa, abençoando uma imagem de N. Sra. de Lurdes. Estão presentes várias centenas de pessoas que se reuniram para a ocasião. Terça-feira, 16 de maio, com escala em Bruxelas, P. Vecchi retorna a Roma.

O Reitor-Mor vai à Espanha, Inspeção de Córdoba no dia seguinte, **17 de maio**. Numa breve parada em **Las Palmas**, Canárias, recebe e retribui a saudação dos irmãos; vai depois a **Tenerife** onde visita as presenças salesianas de Orotava, Cuesta e o colégio das FMA em Santa Cruz, encontrando salesianos, FMA, ex-alunos e o Bispo Dom Felipe García.

Sexta-feira, **19 de maio**, P. Vecchi vai a **Córdoba** e, nos dias seguintes, 20-21, a **Montilla**, para celebrar o centenário da presença salesiana, o cinquentenário da coroação do quadro de Maria Auxiliadora e, aproveitando a ocasião de sua visita, a festa inspetorial anual.

P. Vecchi encontra os irmãos, algumas FMA, ex-alunos, Cooperadores. Visita alguns lugares significativos da cidade, como as igrejas de San Juan de Ávila e de São Francisco Solano. Visita, na sede municipal, o Prefeito Sr. Antonio Carpio Quintero e recebe as chaves da cidade.

Retornando a Córdoba, na tarde

do dia 21, visita o Bispo Dom Francisco Javier Martinez e, depois, na sede inspetorial, encontra cerca de 600 pessoas dos Conselhos Inspeccionais da Família Salesiana. À noite, o Reitor-Mor é acompanhado pelo Inspetor P. Felipe Acosta Rodríguez ao Colégio São Francisco de Sales para celebrar a Missa da novena em honra de Maria Auxiliadora na igreja que lhe é dedicada.

Segunda-feira **22 de maio**, pela manhã, P. Vecchi é acompanhado à visita da presença salesiana de **Ubeda**, onde encontra os irmãos, os jovens, o corpo docente e os responsáveis da Família Salesiana e, em seguida, vai a **Granada**, casa do pós-noviciado dedicado à Virgem das Neves.

Ao almoço, na casa do pós-noviciado, foram também convidadas a Inspetora Ir. Maria Del Carmen Canales Calzadilla, e a diretora da casa de Granada, Ir. Angorrilla Maria Del Valle. Após o almoço os noviços e pós-noviços alegraram os presentes com cantos bem executados e interessantes, até mesmo jocosos.

À tarde, o Reitor-Mor encontra os noviços vindos do noviciado de Sanlúcar de Sevilha. Em seguida, vai ao Colégio “San Juan Bosco” e, depois de visitar a obra, preside a Eucaristia, como fez em todas as noites passadas na Inspeção de

Córdoba, por ocasião da novena em honra de Maria Auxiliadora.

P. Vecchi deixa Granada no dia 23 de maio e parte para **Turim** a fim de participar da festa de Maria Auxiliadora. Preside a Eucaristia das 8:30h no dia **24 de maio** e visita os doentes da Casa P. Beltrami retornando, à tarde, para Roma.

O Reitor-Mor preside nos dias 1º a 5 de junho, na Pisana, o **encontro dos Conselhos Gerais da Família Salesiana**, convocado por ele neste ano jubilar. Quinta-feira, 1º de junho, apresenta a relação inicial sobre o tema *Família Salesiana ontem e hoje*. Em seguida, participa de todos os trabalhos, dos momentos de oração e fraternidade concluindo o encontro com a intervenção final do dia 5. Foi muito significativa, durante o encontro, a celebração do Jubileu com a Eucaristia na Basílica de São João de Latrão, presidida pelo P. Vecchi.

No fim de semana, da tarde de sexta-feira 9 de junho a segunda-feira, 12 de junho, o Reitor-Mor vai com um grupo de Conselheiros à sede da UPS para a Visita de Conjunto.

4.2 Crônica dos Conselheiros Gerais

O Vigário do Reitor-Mor

O P. Luc Van Looy participou,

nos primeiros dias de fevereiro, da Visita de Conjunto das Inspetorias da Itália; nesse período esteve também na praça de São Pedro no dia 2 para o Jubileu da Vida Consagrada.

Foi a Taranto e Andria, Inspetoria Meridional, para apresentar, nos dias 12-13, a Estréia do Reitor-Mor à Família Salesiana.

Pregou, de 20 a 26 de fevereiro, os Exercícios Espirituais aos diretores da Circunscrição Piemonte e Vale d'Aosta.

De 12 a 18 de março pregou os Exercícios Espirituais aos diretores e diretoras das Inspetorias SDB e FMA de Roma e Sardenha. Em seguida foi à Espanha, Inspetoria de Valência, para pregar também lá os Exercícios Espirituais aos diretores.

Fez uma reunião, nos dias 29-31 de março com um grupo de sete inspetores sobre o tema das estruturas de governo da Congregação. O encontro, estabelecido pelo Conselho Geral, fazia parte da preparação ao Capítulo Geral 25.

Participou, nesse período, por duas vezes, de jornadas de formação para jovens ex-alunos (GEX) da Itália.

Participou da sessão intermédia do Conselho Geral nos dias 10-19 de abril e, no dia 15, da reunião do "Curatorium" da UPS.

Participa no dia 25, da jornada

da Família Salesiana da Ligúria e Toscana, e aproveita para visitar algumas obras da Inspeção ILT. Vai depois a Turim, onde no dia 17 de abril, preside a celebração da profissão perpétua de alguns irmãos da comunidade internacional do Gerini de Roma.

Participa, no dia 30, da jornada da Família Salesiana da Sardenha em Arbórea, aproveitando também para visitar algumas obras.

Vai aos Estados Unidos, New Rochelle, onde permanece nos dias 5-9 de maio. Foi convidado para duas celebrações: a jornada dos jovens no encerramento do centenário da Inspeção e a jornada do Jubileu para a Família Salesiana no Santuário nacional de Washington. Entre as duas celebrações pôde participar de um jornada de empenho juvenil na escola de New Rochelle e visitar algumas casas.

Participa, em Barcelona, Espanha, nos dias 12-14 de maio do Conselho da União Mundial de Educadores Católicos (UMEC).

Em 24 de maio preside a celebração de Maria Auxiliadora na UPS e, no dia 27, no Santuário do Divino Amor (Roma) a dos jovens das escolas profissionais da Inspeção Romana.

Passa os dias 27-28 de maio em Corigliano Cálabro para celebrar o aniversário da obra. Visita também

a nova obra de Lamezia Terme, da Inspeção Meridional.

Participa, nos primeiros dias de junho, do Encontro dos Conselhos Gerais dos grupos da Família Salesiana.

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação dedicou a maior parte do período a levar adiante, com os membros do Dicastério, a revisão da “*Ratio*” e de “*Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano*” e participar das Visitas de Conjunto. Tomou parte nas Visitas de Conjunto da Região Austrália e Ásia. Acompanhou, de modo particular, a preparação da Visita de Conjunto à Visitadoria da UPS realizada nos dias 9-12 de junho, que estudou como tema específico “*A formação dos irmãos da Visitadoria nas diversas fases*”.

O Conselheiro também tomou contato, nesse período, com algumas das comunidades internacionais de salesianos estudantes que se encontram em Roma. Participou do encontro dos delegados inspetoriais para a formação das Inspeções da Itália e de alguns momentos do encontro de formadores das mesmas Inspeções, que quiseram fazer uma revisão da animação do setor (Roma, 19 e 21 de maio).

Entre os aspectos evidenciados no exame do setor Formação durante a sessão intermédia do Conselho Geral, convém recordar: a revisão da consistência das comunidades de formação inicial e a importância de estimular a colaboração e co-responsabilidade interinspetorial e de evitar o fracionamento e a consequente fragilidade dos ambientes formativos; uma maior atenção à pastoral vocacional e à formação do salesiano coadjutor; estimular e acompanhar a atuação do plano inspetorial de qualificação dos irmãos; a validade e o significado que têm para a Congregação as comunidades internacionais salesianas de Roma em vista da formação e qualificação dos irmãos, e o serviço que prestam particularmente em algumas Inspetorias.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Logo após a festa de São João Bosco, celebrada com o Reitor-Mor em Valdocco (Turim), o Conselheiro para a Pastoral Juvenil participa da Visita de Conjunto das Inspetorias da Itália, realizada em Roma, de 1º a 5 de fevereiro.

De 13 a 17 do mesmo mês em Adbijan (Costa do Marfim) anima o curso de Pastoral Juvenil para as Inspetorias de línguas francesa e portuguesa da África. Parte, em se-

guida para as Visitas de Conjunto da Ásia: Hong Kong, 22-26 de fevereiro, para as Inspetorias da Ásia Leste, e Mumbai de 29 de fevereiro a 4 de março para as Inspetorias da Índia.

Participa, depois, com alguns membros do Dicastério do Encontro Nacional da Índia sobre a *marginalização e exclusão social*, celebrado em Bangalore de 7 a 11 de março, animado pelo Centro Nacional Salesiano e das FMA.

Vai a Manila em 12 de março para encontrar-se com a equipe de preparação do curso de pastoral juvenil para as Inspetorias da Ásia Leste.

Retornando a Roma, em 20 de março, anima o encontro dos padres jovens da Inspetoria Ligure-Toscana, realizado em La Spezia; e, de 31 de março a 2 de abril, participa da reunião da Comissão Central do *Fórum* do Movimento Juvenil Salesiano, reunida na Pisana para coordenar a preparação do encontro juvenil de agosto próximo.

Após a sessão intermédia do Conselho, 10-19 de abril, parte para Barcelona (Espanha) a fim de animar um breve curso de pastoral juvenil no Centro Salesiano de Martí-Codolar, 25-28 de abril).

Visita, em maio, os oratórios de Ciudad Juarez e Tijuana, na Inspetoria do México-Guadalajara, e participa do primeiro congresso teoló-

gico juvenil do Movimento Juvenil Salesiano do México (Tlaquepaque — Guadalajara, 7-14 de maio).

Ao mesmo tempo, Raúl Rojas, colaborador do Dicastério, participa do VI Encontro da Consulta Europeia sobre escola e formação profissional salesiana, e do encontro conjunto com a comissão das escolas das FMA em Lisboa, nos dias 9-10 de abril. De 18 a 20 de maio, participa do Seminário para responsáveis do Voluntariado Salesiano na Europa, celebrado em Benediktbeuern (Alemanha).

O P. Antonio Domenech, como Regulador do Capítulo Geral 25, preside de 18 a 21 de maio, o encontro da Comissão Técnica nomeada pelo Reitor-Mor para preparar o material de trabalho para as Inspetorias.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

Ao descrever a atividade do Conselheiro no período fevereiro-maio de 2000, deve-se recordar, antes de tudo, o *trabalho na sede*.

Para a FAMÍLIA SALESIANA:

- posse do novo Assistente Central para as Voluntárias de Dom Bosco, P. Julio Olarte, que substitui o P. Corrado Bettiga;
- preparação e realização da

Assembléia dos Conselhos Gerais dos Grupos da Família Salesiana, realizada na Pisana, de 31 de maio a 5 de junho. Participaram cerca de 170 Conselheiros Gerais dos vários Grupos da Família Salesiana;

- nova edição da *Carta da Missão*, submetida à assembléia dos Conselhos Gerais dos Grupos da FS;
- preparação dos encontros de Santiago do Chile com responsáveis, presidentes delegados inspetoriais dos Ex-alunos, que acontecerão de 14 a 19 de agosto de 2000;
- preparação do Congresso Regional Ásia-Austrália dos Ex-alunos, com sede em Bangcoc;
- preparação dos Congressos Regionais dos Cooperadores, previstos em todas as Regiões da organização da Associação, para a eleição de um membro que fará parte da Consulta Mundial dos Cooperadores;
- impressão do livro sobre a *Família Salesiana*. Foram preparadas 4 edições: italiana, espanhola, portuguesa e inglesa. Teve uma boa acolhida em todas as Inspetorias;
- encontros da comissão GEX, com os representantes da Confederação das Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora;
- preparação e realização do encontro de Presidência dos Ex-alunos.

Para a

COMUNICAÇÃO SOCIAL:

- trabalho ordinário de informação, feito pelo Dicastério e colaboradores, através de *ANS-Mag*, *ANS-News*, *ANS-Foto*, *ANS-Agenda*, *ANS-Service*, além de todos os serviços personalizados para os que pediram alguma intervenção particular;
 - trabalho específico para os *Boletins Salesianos* que se devem encontrar proximamente. Foram organizados, segundo a programação do sexênio, encontros dos diretores dos Boletins com alguém da redação. O intento é ajudar a preparação profissional e a formação permanente dos que atuam no setor dos Boletins Salesianos;
 - preparação dos encontros e realização dos TRÊS DIAS de Comunicação Social em Nairóbi, para a África de língua inglesa;
 - trabalho de construção da *página Web* que interessa a direção geral e a casa geral em suas várias expressões e serviços;
 - trabalho de preparação da edição das MB em *CD rom*;
 - trabalho preparatório do encontro com os delegados inspetoriais da comunicação social, que acontecerá em dezembro na Pisana.
- Junto com o trabalho ordinário,

os vários encontros, na sede e nas Inspetorias

- pelas duas equipes de colaboradores,
- pelo Conselheiro Geral, pode-se fazer um elenco sumário de alguns desses encontros, visitas, serviços de animação:
 - Participação nas Visitas de Conjunto: para a Itália: Roma, 1—5 de fevereiro; para a Ásia Leste: Hong Kong, 22-26 de fevereiro; para a Índia: 29 de fevereiro — 4 de março.
 - Visita de animação à Inspetoria CAM, na seis Repúblicas da América Central: 12-22 de fevereiro, com encontros no setor da Família Salesiana e da Comunicação Social.
 - Exercícios Espirituais para Diretores e Diretoras da Itália Meridional: Roma, 26 de março - 2 de abril.
 - Comunicação Social e Família Salesiana: Nairóbi, 4-9 de abril.
 - Encontro da Família Salesiana para a Polônia e Circunscrição Leste: Breslávia, 27-29 de abril.
 - Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana, em Quito, Equador, dias 5-7 de maio.
 - Visita de animação à Inspetoria do Haiti: 8-13 de maio.
 - Visita de animação em Moçambique: Maputo, 15-22 de maio.

- Assembléia dos Conselhos Gerais da Família Salesiana: Roma, 31 de maio — 5 de junho, com numerosa participação dos membros dos vários Conselhos, e um intenso e rico trabalho em assembléia e nos grupos.

O Conselheiro para as Missões

A sessão de inverno de dezembro-janeiro de 2000 culminou com a peregrinação do Conselho Geral aos lugares santos salesianos de Turim e dos Becchi. Rezou-se também pelas presenças missionárias salesianas do mundo todo.

P. Odorico partia no dia 3 de fevereiro para uma visita missionária em Serra Leoa, África Ocidental, fazendo uma primeira etapa na Inspeção da Holanda para encontrar em Amsterdã uma comunidade de Jovens Voluntários Missionários, dirigida pelo P. Kanters Harry. Foi uma experiência positiva de partilha sobre projetos de laicato missionário.

Em Serra Leoa visitou as obras de Lungi e a nascente obra para meninos de rua de Freetown. A presença salesiana é florescente nos aspectos educativos, missionários e evangelizadores, mas a guerra civil ameaça todos os dias a sociedade e o trabalho da Igreja.

De Freetown, o Conselheiro foi

a Abidjan, Costa do Marfim, para participar da Visita de Conjunto da África de línguas francesa e portuguesa. Fez uma intervenção sobre a inculturação da evangelização.

Retornando a Roma, presidiu nos dias 15-19 de fevereiro a reunião dos Procuradores das missões. Foi um encontro centrado sobretudo no estado atual (animação missionária e finanças) das Procuradorias internacionais e nacionais e, no perfil do Diretor do *Project Office*. Chegou, neste último tema, a uma significativa convergência.

De 22 a 26 de fevereiro e de 29 de fevereiro a 4 de março, o P. Odorico participou das Visitas de Conjunto respectivamente da Ásia Leste, em Hong Kong, e da Índia, em Mumbai. Sua intervenção referiu-se sobretudo às urgências da Primeira Evangelização e do diálogo inter-religioso.

P. Odorico foi ao Nepal — 5-9 de março — onde visitou pela primeira vez a presença salesiana de Dharan e a futura presença em Katmandu, a capital. Constatou o quanto o País está realmente aberto ao carisma salesiano.

Depois da permanência de alguns dias na sede de Roma, o Conselheiro partiu para uma visita às missões do Ariari, Colômbia, observando atentamente a nova colocação das missões salesianas depois

da ereção do Vicariato em Diocese de Granada. Compartilhou com o Bispo, o Inspetor e os missionários os sofrimentos e as ânsias causadas pela guerra civil. Ficou dois dias em Medellín para uma visita de animação missionária às comunidades de formação inicial.

Passando pelos Estados Unidos, foi às Ilhas de Samoa e Fiji, onde constatou o crescimento da presença missionária, das vocações locais e das possibilidades de expansão em outras ilhas do Pacífico. Retornou a Roma, depois de uma breve etapa em Papua Nova Guiné, onde encontrou-se com o P. Luciano Capelli, Superior nas Ilhas Salomão, e com alguns missionários.

Participou da sessão do Conselho Geral — 10-19 de abril — convocado extraordinariamente pelo Reitor-Mor sobre o tema do CG25.

De 21 a 25 de abril foi ao Sudão, onde encontrou-se com os irmãos da escola e os fiéis da paróquia. A presença no Sudão está crescendo, tanto em novas propostas como em vocações. Os catecúmenos crescem continuamente na paróquia.

Depois de uma breve permanência em Roma, de 26 a 30 de abril, o P. Odorico foi respectivamente a Nairóbi, Quênia (1-5 de maio) e a Luanda, Angola (7-12 de

maio) para presidir, com a Ir. Ciríaca Hernández, dois encontros de Práxis Missionária dos países de línguas inglesa e portuguesa. SDB e FMA participaram dos dois encontros de forma significativa, pelo número de participantes e pela qualidade de envolvimento.

De 17 a 31 de maio, o Conselheiro para as Missões visitou todas as missões do Vicariato de Méndez, Equador, e as missões “das Alturas”. Ofereceu, nos dois encontros com os irmãos, um panorama das missões em nível mundial e teceu alguns comentários conclusivos sobre as realidades missionárias da Inspeção do Equador: trata-se de uma presença múltipla, variada e de forte incidência na cultura e práxis dos destinatários.

A partir de 1º de junho, o P. Odorico encontra-se em Roma, para participar da reunião dos Conselhos Gerais da Família Salesiana e, depois, da sessão estiva do Conselho Geral.

O Ecônomo Geral

Terminada a sessão plenária de inverno do Conselho Geral, o P. Mazzali pregou os Exercícios Espirituais aos clérigos e professores do Instituto Internacional Dom Bosco da Crocetta (Turim), reunidos em Roma para a celebração do Ano Jubilar.

O Ecônomo Geral participou, de 8 a 12 de fevereiro da Visita de Conjunto em Abidjan e, em seguida, de 13 a 15 do mesmo mês, animou com o P. Mario Sala o encontro dos ecônomos inspetoriais da África de língua francesa.

De 18 a 20 de fevereiro, na Casa Geral, coadjuvado por alguns irmãos do Economato Geral, o P. Mazzali dirigiu o encontro dos ecônomos inspetoriais de língua inglesa.

Em 23 de fevereiro, presidiu o Conselho Superior de administração da UPS para a aprovação do balanço preventivo. Os dias 28 de fevereiro a 1º de março foram dedicados à participação, com o P. Personeni, do encontro dos ecônomos inspetoriais da Austrália e Extremo Oriente, em Hong Kong.

O Ecônomo Geral fez a *Visita Extraordinária à Inspeção Bélgica Norte* nos dias 4 de março a 10 de maio, excluindo os dias 10-19 de abril, quando participou da sessão intermédia do Conselho Geral.

O P. Mazzali esteve na África do Sul nos dias 13-24 de maio, quando pregou os Exercícios Espirituais a um grupo de irmãos na Cidade do Cabo e, em seguida, visitou acompanhado pelo Inspetor, as obras da Visitadoria, compreendidas as presenças no Lesoto e Suazilândia.

Foi à Croácia para um encontro (28-31 de maio) com os diretores, párocos e ecônomos daquela Inspeção. Em seguida, acompanhado pelo Inspetor e Ecônomo Inspeção, visitou as obras da Bósnia e Herzegovina.

Retornou à sede de Roma em 1º de junho.

O Conselheiro Regional para a África e Madagascar

Depois de celebrar a Festa de Dom Bosco no Colle e em Turim, com o Reitor-Mor e o Conselho, em primeiro de fevereiro, o P. Antonio Rodríguez Tallón parte para Johannesburgo, onde no dia 2 tem uma reunião com o Conselho Inspeção e diretores a fim de apresentar a *consulta para a nomeação do novo Superior da Visitadoria*.

Dia 3 de fevereiro, em Luanda, participa da tomada de posse do Superior da nova Visitadoria de Angola, P. Luiz Piccoli.

Em seguida, voa para Abidjan a fim de ultimar os preparativos da Visita de Conjunto das Circunscrições de línguas francesa e portuguesa da Região, realizada nos dias 8-12 de fevereiro em Abidjan. Seguem-se depois os encontros dos responsáveis e equipes de pastoral juvenil e dos ecônomos das Visitadorias que participaram da Visita de Conjunto.

Dia 14, o Conselheiro inicia em Koumassi (Abidjan) a Visita extraordinária à Visitadoria AFO. Continua depois com a visita às demais casas da Costa do Marfim: Duékoué e Korogho.

Passa da Costa do Marfim ao Mali para fazer a visita à obra de Sikasso. De aqui, no último dia de fevereiro, viaja para Bobo Dioulasso, em Burkina Fasso, para retornar depois ao Mali e completar a visita às demais obras do País: Touba e Bamako.

Da capital de Mali, por terra, passa no dia 12 de março à visita das obras de Guiné Conacri: Siguiri, KanKan e Conakry. Vai, depois, a Dakar no dia 22 para visitar as casas do Senegal: Tambacounda, San Luis e Thiès.

Retorna a Abidjan no dia 3 de março e, no dia seguinte, vai a Nairóbi, participar dos encontros sobre a Família Salesiana e a Comunicação Social, organizados pelos respectivos Discatérios, dos quais participam as Inspetorias de língua inglesa a Região.

Fica em Nairóbi até o dia 7 de abril e faz uma reunião com os Inspetores dessa parte da Região: AET, AFE, AFM, ZMB e a Delegação AFW.

De 9 a 19 de abril está em Roma para a sessão intermédia do Conselho Geral, convocada pelo Reitor-Mor.

Parte para Cotonou, no dia 21, para continuar a visita extraordinária aos Países da AFO ainda não visitados: Benin e Togo. Visita, antes, as obras do sul do Benin: Cotonou e Porto Novo, passando, depois ao sul do Togo para visitar a comunidade da paróquia de Lomé. Participa, nos dias 1-2 de maio dos trabalhos do *Curatorium* para as casas de formação: noviciado e pós-noviciado.

Participa, nos dias 3-4 do encontro de diretores da AFO e comenta com eles algumas primeiras impressões sobre a visita extraordinária, ainda em curso, e no dia 5 de maio reúne-se com o Conselho Inspetorial para comunicar a própria visão sobre as casas visitadas. Dia 6 continua a visita nas casas do noviciado e pós-noviciado, passando no dia 11 ao norte do País para visitar Kara e Cinkassé.

Vai, depois, ao norte de Benin — 2-26 de maio — e visita as casas de Kandi e Parakou. Nesta última tem a oportunidade de celebrar a festa de Maria Auxiliadora com os alunos do centro profissional, num ambiente autenticamente salesiano: missa, esporte, jogos animados, teatro e refeição em comum. Dia 27 vai a Cotonou para participar da festa externa de Maria Auxiliadora na paróquia.

Dia 28 de maio retorna a Roma, onde espera-o o Encontro dos Con-

selhos dos grupos da Família Salesiana, convocado pelo Reitor-Mor, e os trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral.

O Conselheiro Regional para a América Latina - Cone Sul

Ao final da sessão plenária invernal, o Conselheiro Regional para a Região América Latina — Cone Sul, partiu para Porto Alegre, Brasil. Depois de alguns dias em família, inicia a *Visita extraordinária à Inspeção de Santo Afonso Maria de Liguori, de Campo Grande, Brasil*.

A visita foi interrompida no período 24-26 de março, no qual o Regional presidiu a reunião da CISUR (Conferência dos Inspectores do Sul) e da JIAR (Junta dos Inspectores da Argentina). Dedicou, em seguida, os dias 27-31 de março para realizar quatro encontros de discernimento com os salesianos do Paraguai em vista da consulta para a nomeação do novo Inspetor.

Outra interrupção da visita a Campo Grande deveu-se à participação na sessão intermédia do Conselho Geral de 10 a 19 de março, na Casa Geral, que tinha como tema principal a preparação do próximo CG25.

O Regional participou, também, nos dias 1-4 de abril da reunião da

CISBRASIL (Conferência dos Inspectores do Brasil) e CIB - Inspectores e Inspeções do Brasil, para avaliar o plano de conjunto e outros temas de interesse da vida salesiana no Brasil.

A visita extraordinária à Inspeção de Campo Grande foi concluída no dia 14 de maio com os encontros do Visitador com o Inspetor e seu Conselho e com os diretores.

Sucessivamente, de 16 a 28 de maio, o Regional promoveu a consulta na Inspeção de São Gabriel Arcanjo do Chile, em vista da nomeação do novo Inspetor. Foram realizados sete retiros de discernimento, nos quais o Regional pôde encontrar-se com todos os irmãos, acompanhando-os no processo de discernimento comunitário.

Dia 31 de maio retornou à Casa Geral.

O Conselheiro para a Região Interamérica

Após as celebrações salesianas em Turim, o Conselheiro para a Região Interamérica, P. Pascual Chávez, foi ao México para alguns dias em família e fazer uma breve visita ao Teologado de Tlaquepaque, onde falou individualmente com os estudantes dos Estados Unidos (SUE e SUO), em vista da avaliação da própria experiência formativa.

Passou por Caracas nos dias 13-14 de fevereiro para ultimar os preparativos da próxima visita extraordinária, a ser realizada de agosto a novembro. Aproveitou para visitar algumas zonas da capital, atingidas pelos aluviões de dezembro de 1999.

Esteve nos dias 15-18 de fevereiro na Inspetoria de Medellín, Colômbia, para a consulta em vista da nomeação do novo Inspetor. Reuniu-se com os irmãos em Cali, Cartagena, Pereira e Medellín.

Foi à Inspetoria de New Rochelle — 19 de fevereiro a 26 de maio — para a visita extraordinária, que incluiu uma reunião de SDB e FMA da área norte da Inspetoria no dia 21 de fevereiro, a festa da comunidade inspetorial no dia 25 de março, a celebração juvenil de 6 de maio, e a peregrinação da Família Salesiana ao Santuário Nacional Mariano de Washington. Estes dois últimos acontecimentos foram presididos pelo P. Luc Van Looy.

A visita foi interrompida de 10 a 19 de abril devido ao retorno a Roma para a reunião intermédia do Conselho Geral.

O P. Pacual Chávez retornava à Casa Geral para o encontro dos Conselhos da Família Salesiana e a sessão de verão do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Região Austrália-Ásia

Concluída a sessão de inverno do Conselho Geral, o Conselheiro Regional partiu para o Nordeste da Índia, chegando em Guwahati no dia 4 de fevereiro, para iniciar a consulta em vista da nomeação do novo Inspetor, pois o Inspetor no cargo, P. Dominic Jala, fora eleito Arcebispo de Shillong.

Transferiu-se, no dia seguinte, para Hyderabad iniciando a Visita extraordinária à Inspetoria.

Interrompeu a visita no dia 19 de fevereiro para ir a Hong Kong participar da Visita de Conjunto da zona do Pacífico. O encontro, realizado em Cheung Chao de 21 a 26 de fevereiro, contou com a participação do Reitor-Mor, de seis membros do Conselho Geral e dos Inspetores com os próprios Conselhos, num total de 53 irmãos. Num clima de cordialidade fraterna e de intensa participação, oração e reflexão, a assembléia estudou os dois temas principais da Visita de Conjunto: a comunidade salesiana núcleo animador da CEP, e a inculturação na vida e missão salesiana.

Concluído o encontro de Cheung Chao, o P. D'Souza partiu com os outros membros do Conselho Geral para outra Visita de Conjunto, desta vez em Mumbai, para a Conferência Indiana. A visita realizada de 29

de fevereiro a 4 de março, contou com 72 participantes para refletir sobre dois temas principais, sendo o primeiro igual ao de Cheung Chao, e o segundo, particular desta assembléia, tratava da evangelização do Sul da Ásia.

Dia 5 de março, o Regional retomava a visita extraordinária de Hyderabad, que continuou até o dia 7 de abril, com uma outra pequena interrupção para ir a Shillong para participar da consagração episcopal de Dom Dominic Jala, no dia 2 de abril.

Concluída a visita extraordinária de Hyderabad, o Regional retornou a Roma no dia 8 de abril para participar da sessão plenária especial do Conselho Geral (11-19 de abril).

Após as celebrações da Páscoa, o Conselheiro Regional partiu novamente no dia 24 de abril para o Nordeste da Índia, para iniciar a consulta para o novo Inspetor de Dimapur e iniciar a visita canônica extraordinária à Inspetoria de Guwahati. A visita teve início com a posse do novo Inspetor, P. Philip Barjo, em Shillong, no dia 30 de abril. Nesta primeira fase da visita, que será retomada em agosto, o Regional percorreu num jipe quase 2500 quilômetros de estradas montanhosas, visitando 10 casas e presenças no Estado de Mizoram e na parte de Karbi

Anglong no Estado do Assam. Em 23 de maio esteve em Shillong para receber a renovação dos votos temporários de 37 jovens salesianos. No dia seguinte, solenidade de Maria Auxiliadora, recebeu também a profissão de vinte noviços.

O P. D'Souza retornava à sede no dia 30 de maio para participar do Encontro dos Conselhos Gerais da Família Salesiana (31 de maio — 5 de junho) e em seguida da sessão estiva do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Região Europa Oeste

Terminada a sessão plenária invernal do Conselho Geral, o P. Filiberto Rodríguez parte no dia 27 de janeiro para a Inspetoria de Madri, acompanhando o Reitor-Mor. A Inspetoria iniciava as celebrações do primeiro centenário da presença salesiana na cidade de Madri. Foram três dias (27-29) vividos com intensidade, ricos de mensagens e notícias da Congregação.

Retornando à Itália, o P. Filiberto, com todo o Conselho Geral, participa do início do Jubileu Salesiano no Colle Don Bosco e em Turim.

Em primeiro de fevereiro, quando dispunha-se a iniciar a visita extraordinária à Inspetoria de Ma-

dri, chega a triste notícia da morte do P. David Churio, Inspetor de Valência, falecido em acidente rodoviário. Acompanhado, então, do Inspetor e outros irmãos da Inspetoria de Madri, vai a Valência para participar dos funerais, que são presididos por Dom Miguel Asurmendi, Bispo de Vitória e antigo Inspetor de Valência.

A partir desse momento, o Regional vê-se empenhado na visita extraordinária à Inspetoria de Madri, interrompida — por breves períodos — por eventos já programados ou outros surgidos ocasionalmente.

P. Filiberto preside nos dias 26-29 de fevereiro a sessão ordinária da Conferência Ibérica e, logo depois, o Encontro anual da Região Europa Oeste. O tema exposto pelo P. Renato Mion, professor da UPS, refere-se à marginalização dos jovens e as possíveis respostas que as estruturas salesianas mais clássicas podem oferecer, e as mais ágeis, que o coração pastoral sabe colocar em ação com criatividade salesiana.

Retorna a Valência nos dias 3 e 4 de março para apresentar aos diretores a consulta para a nomeação do novo Inspetor, e, em 1º de maio para a posse do P. Angel Tomás, já nomeado Inspetor de Valência.

De 9 a 21 de abril participa da

sessão intermédia do Conselho Geral, celebrada na Pisana.

Entre os momentos e acontecimentos que marcaram a visita, merecem se sublinhada a participações em várias reuniões do Conselho Inspetorial, nas reuniões dos diretores, no congresso inspetorial dos Cooperadores, no encontro dos jovens dos Centros Juvenis, no encontro sobre a formação profissional organizado pela FERE e pela Inspetoria de Madri, na ordenação sacerdotal e diaconal e na festa inspetorial de Madri.

O Conselheiro para a Região Europa Norte

Ao final da sessão invernal do Conselho Geral, o P. Albert Van Hecke, com o Reitor-Mor e os demais Conselheiros Gerais, transcorreu a festa de Dom Bosco no Colle Don Bosco e em Valdocco.

Depois de uma breve parada em Roma, o Regional inicia, no dia 3 de fevereiro, a visita extraordinária à Inspetoria de Colônia, Alemanha. Entre os vários encontros mantidos durante a visita relevam-se os seguintes: as reuniões, no início e no final, com o Conselho Inspetorial e com os diretores, em Jünkerath; o encontro em Mainz com os irmãos das diversas missões na Alemanha. Em Mainz também, encontrou o Bispo Dom Lehman, Presidente da

Conferência Episcopal Alemã.

De 19 a 22 de março, o Regional esteve na Holanda onde, em reunião com o Conselho Inspetorial, tratou de alguns pontos-chaves para o desenvolvimento do carisma salesiano naquela Inspetoria.

Em seguida, de 24 a 27 de março fez uma visita à Grã Bretanha para inaugurar e abençoar as três novas casas comunitárias construídas antes de tudo para os irmãos anciãos: Farnborough, Bolton e Chertsey. Teve, ao mesmo tempo, a oportunidade de visitar algumas outras comunidades da mesma Inspetoria.

Retorna à sede de Roma nos dias 28-30 de março. Dia 31, parte para Sofia, Bulgária, para conhecer os cinco irmãos e a realidade da presença salesiana — Kazanlak, Jambol e Stara Zagora — que depende da Inspetoria da República Checa. Os irmãos estão inseridos também na pastoral de rito bizantino, e trabalham em estreita colaboração com o Bispo de Sofia. O Regional encontra-se com o Bispo e com o Nuncio Apostólico, e tem também a oportunidade de encontrar-se com o Prefeito de Kazanlak.

Após voltar para Roma no dia 3, o Regional vai à Inspetoria da Irlanda, nos dias 5-9 de abril, para uma visita de animação entre os irmãos.

Passa em Roma o período 10 a

20 de abril para participar da sessão intermédia do Conselho Geral.

Em 21 de abril, o P. Van Hecke vai a Moscou para uma visita de animação e a consulta entre os irmãos em vista da nomeação do novo Superior da Circunscrição Especial. A visita deu a oportunidade de colocar-se ao corrente do desenvolvimento da missão salesiana na Rússia europeia e asiática, Geórgia, Ucrânia, Belarus e Lituânia. O Regional pode falar longamente com os aspirantes e noviços de Oktiabrskij e com os pós-noviços de São Petersburgo. Na Lituânia, encontrou-se com o Arcebispo de Vilnius.

Diretamente da Circunscrição do Leste Europeu, o Regional foi a Czestochowa, Polónia, onde presidiu, nos dias 13-16, o encontro anual dos Inspetores da Região Europa Norte. A reunião, realizada na nova casa destinada aos jovens como centro de educação e animação, teve o tema: Novo Sistema Preventivo... em que sentido? Para uma compreensão atualizada, com os principais objetivos de aprofundar juntos o conhecimento do Sistema Preventivo, compartilhar experiências de sua eficácia e incisão no território diante dos novos desafios. Houve também um confronto sobre os seguintes pontos: compartilhar a experiência pessoal do papel do Inspetor; refletir juntos sobre a

Região Europa Norte, comunicar as experiências expressivas da vida das Inspetorias.

Em 14 de maio, o P. Albert Van Hecke presidiu, ainda em Czestochowa, a Consulta das Inspetorias Polonesas. Entre outros temas, tratou-se de modo particular do Boletim Salesiano em língua polonesa, que desde junho deste ano muda de sede (Poznan) e de grupo de redação, da Federação das Escolas Salesianas na Polônia, do Centro Juvenil Interinspetorial com sede em Cracóvia.

O Regional passou depois o período de 17 a 31 de maio na sede de Roma, onde, entre outras atividades, acompanhou o curso de formação permanente para os irmãos de língua alemã, realizado em Roma nos dias 27 de maio a 6 de junho.

P. Van Hecke participa nos dias 1-5 de junho do Encontro dos Conselhos dos Grupos da Família Salesiana e, em seguida, da sessão plenária do Conselho Geral. Participa, também da visita de conjunto à UPS nos dias 9-12 de junho.

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio, P. Giovanni Fedrigotti, esteve empenhado desde o dia cinco de fevereiro na Visita de

Conjunto da área CISI, realizada em Roma, Pisana.

Inicia em 9 de fevereiro a visita extraordinária à Inspetoria São Marcos de Veneza.

Em 23 de março participa, em Roma, do Conselho Nacional da Escola Católica.

A partir do dia 8 de abril, com os Inspetores CISI, participa dos Exercícios Espirituais em Fátima, pregados pelo P. Juan José Bartolomé. De 10 a 19 de abril participa das reuniões do Conselho Geral em vista do CG25. De 20 a 24, visita a nova presença IVE na Romênia. Em Nave, no dia 30 de abril, participa do "Face a face" anual com os pré-noviços do norte da Itália.

Preside — 6-9 de maio — a assembléia CISI, na Pisana. Naquela ocasião, com o setor de Pastoral Juvenil, examina-se e aprova-se o plano trienal de PJ. Dia 8 encontra a CII (Conferência Inspetorial Nacional das FMA): ocupa-se especialmente com a reflexão comum sobre os problemas colocados pela reforma da escola e a individualização dos espaços de colaboração. É examinado também o primeiro esboço do documento conclusivo sobre "Amadurecimento humano, afetivo, sexual e formação religiosa".

Retoma depois a visita extraordinária até o final do mês. Aten-

ção especial é dedicada também ao funcionamento da comunidade “Entidade CNOS” e às perspectivas presentes e futuras do serviço nacional a ela confiado.

Desde o dia 5 de junho, está em Roma para participar do encontro dos Conselhos Gerais dos grupos da FS com o Reitor-Mor. Dia 11 de junho vai a Aquileia para acompanhar o Jubileu dos ex-alunos de Udine, que tem um gratificante sucesso espiritual. No dia 17 está em Ortona, junto à Comunidade Proposta, empenhada no delicado campo da dependência de drogas. Dia 26 participa novamente do Conselho Nacional da Escola Católica.

O Secretário Geral

Continuando o programa dos encontros com os Secretários Inspetoriais, predisposto para o sexênio, o Secretário Geral animou nos dias 2-5 de maio a reunião dos secretários das Inspeções da Região Interamérica. A reunião foi na casa inspetorial de Guadalajara — México, e — como nos encontros anteriores — além do momento de revisão e aprofundamento dos com-

promissos nas secretarias e arquivos inspetoriais, foi uma ocasião preciosa para conhecimento das diversas realidades inspetoriais, confronto e troca de experiências. A acolhida e o acompanhamento por parte do Inspetor e dos irmãos de Guadalajara foram realmente cordiais, dando aos secretários a oportunidade de também conhecerem algumas obras salesianas da cidade de Guadalajara e arredores (particularmente o teologado de Tlaquepaque).

Concluída a reunião, o P. Maraccani pôde visitar também o noviciado de Chapala. Aproveitando a viagem, antes de retornar, fez uma breve etapa nas duas Inspeções dos Estados Unidos, visitando algumas obras e encontrando-se os dois Inspectores e vários irmãos. Conheceu, na Inspeção Oeste, as obras salesianas de Los Angeles, São Francisco e arredores (Berkeley, Richmond). Em seguida, na Inspeção Leste pôde visitar brevemente as obras de New Rochelle e Nova Iorque. Foi um contato muito útil com esta peculiar realidade salesiana. Evidentemente houve uma particular atenção às secretarias e arquivos.

5.1 Novos Inspetores

Durante a sessão intermédia extraordinária do Conselho Geral, de abril de 2000, o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou dois novos Inspetores: P. Philip Barjo, para a sede Guwahati, e P. Angel Tomás García, para a sede Valência. Apresentam-se alguns dados sobre os dois Inspetores.

1. BARJO Philip, Inspetor de Guwahati (Índia)

P. Philip BARJO é o novo Inspetor de Guwahati, Assam, Índia, que substitui o P. Dominic Jala, consagrado arcebispo de Shillong.

Philip Barjo nasceu em Tezpur (Assam) em 7 de outubro de 1953, e é salesiano desde 24 de maio de 1976, quando emitiu a profissão em Shillong, onde fez o ano de noviciado. Professo perpétuo em 1982, fez os estudos teológicos no estudantado salesiano de Shillong-Mawlai. Foi ordenado presbítero em Tez-

pur no dia 27 de janeiro de 1985.

Após a ordenação, exerceu o serviço educativo e pastoral em várias comunidades da Inspetoria. Completou os estudos com o Mestrado em Teologia, em 1993, no centro de estudos de Berkeley, Estados Unidos.

Retornando à Inspetoria, foi enviado ao Teologado de Shillong como professor e inserido no Conselho Inspetorial. Em 1998 foi nomeado diretor de Shillong-Teologado, mas depois de apenas um ano, em 1999, foi-lhe confiado o encargo de Vigário do Inspetor e diretor da Casa Inspetorial. Agora, o Reitor-Mor chamou-o à guia da Inspetoria.

2. TOMÁS GARCÍA Angel, Inspetor de Valência (Espanha)

Após o desaparecimento prematuro de David Churio Baquedano, foi nomeado o P. Angel TOMÁS GARCÍA como Inspetor de Valência, Espanha.

Nascido em Villena (Alican-

te) em 1º de outubro de 1941, Angel Tomás emitiu a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1958 em Arbós, onde fizera o noviciado. Professo Perpétuo em 1964, fez os estudos teológicos no estudantado teológico de Martí Codolar, Barcelona. Foi ordenado presbítero em Villena, sua cidade natal em 18 de abril de 1968. Completou, depois, os estudos em campo civil, conseguindo a licença em Pedagogia e Psicologia. Em Roma, no Ateneu Pontifício Salesiano, obteve a licença em Ciências da Educação.

Desenvolveu, em seguida, o ministério educativo e pastoral nas obras da Inspeção. Foi nomeado, em 1976, diretor de Valência-Sagunto e membro do Conselho Inspecional. Esteve, em seguida, por vários anos, na casa de Valência-San Antonio, sede da comunidade formativa do pós-noviciado, com a interrupção de alguns anos de serviço na casa inspeccional. Era Conselheiro Inspecional desde 1989. Em 1999 foi nomeado diretor da casa de Valência-San Antonio.

5.2 Novos Bispos

I. Dom Milton Antônio dos SANTOS, Bispo de CORUMBÁ (Brasil)

Em 1º de junho de 2000, o *L'Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação — feita pelo Santo Padre — do nosso irmão P. Milton Antonio dos Santos como Bispo de Corumbá (MS).

Nascido em Campos do Jordão em 23 de setembro de 1946, Milton Antônio dos Santos é salesiano desde 31 de janeiro de 1965, quando emitiu a primeira profissão em Pindamonhangaba, antiga sede do noviciado da Inspeção de São Paulo. Fez a profissão perpétua em 31/01/1971 e, concluindo os estudos teológicos feitos no Teologado da Lapa, em São Paulo, foi ordenado presbítero em Pindamonhangaba no dia 22 de dezembro de 1974.

Diretor de Sorocaba no triênio 1979-1982, em 1986 foi nomeado diretor da casa de São Paulo-Campos Elíseos, onde ficou um sexênio, passando em 1992, também como diretor, à casa do Noviciado de São Carlos, onde foi nomeado Mestre dos noviços em 1994. Em 1996 voltou a São Paulo como diretor da

obra da Mooca e, em 1999, como diretor do Colégio Santa Teresinha, São Paulo. Foi Conselheiro Inspetorial de 1997 a 2000.

2. Dom Francisco Xavier MIZOBE Osamu, Bispo de SENDAI (Japão)

O *L'Osservatore Romano* publicava em 12 de junho de 2000 a notícia da nomeação — feita pelo Santo Padre — do sacerdote salesiano Francisco Xavier Osamu MIZOBE como Bispo da Diocese de SENDAI, no Japão.

Francisco Osamu Mizobe nasceu, de pais japoneses em 5 de março de 1935, na cidade de Shingishu, Coréia. Retornando ao Japão com a família, conheceu os salesianos na escola de Miyazaki e, seguindo a vocação, entrou no noviciado de Chofu, Tóquio, onde fez a primeira profissão no dia 25 de março de 1955.

Depois dos primeiros estudos e da primeira experiência salesiana, foi enviado a Turim, Itália, onde fez os estudos teológicos no Pontifício Ateneu Salesiano, conseguindo a licença em Teologia. Ordenado padre em 9 de fe-

vereiro de 1964, frequentou a Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve a licença em História Eclesiástica. Completou, depois, os estudos na Universidade Sophia de Tóquio, formando-se em História Japonesa.

Desenvolveu por vários anos o ministério de professor e educador. Em 1979 foi nomeado diretor da casa de Nakatsu Nagasoe. Em 1984 foi transferido, como diretor, à casa de Chofu, Tóquio, sede do noviciado e da comunidade formativa dos jovens salesianos japoneses. Em 1985 passou a fazer parte do Conselho Inspetorial e, em 1989, foi nomeado Vigário do Inspetor. Depois de ter participado do CG23 como delegado, o Reitor-Mor confiou-lhe, em outubro de 1990, a guia da Inspetoria do Japão. Concluído o sexênio como Inspetor passou a prestar serviço na Arquidiocese de Nagasaki.

3. Dom Lucas SIRKAR, Arcebispo Coadjutor de CALCUTÁ (Índia)

O *L'Osservatore Romano* de 21 de abril de 2000 noticiava que o Santo Padre tinha nomea-

do Arcebispo Coadjutor de CALCUTÁ, Índia, Sua Excelência Dom Lucas SIRKAR, SDB, até o momento Bispo de Krishnagar. Dom Lucas Sirkar, nascido em 1936, fez a primeira profissão salesiana em 24 de maio de 1958 e foi ordenado

presbítero em 20 de abril de 1968. Estava há dezesseis anos à frente da Diocese de Krishnagar, para a qual foi eleito Bispo em 1984 (cf. ACG 312, p. 72).

5.3. Irmãos falecidos (2000 - 2º elenco)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const. 94*).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P ADIJ Antonio	La Plata	01-04-2000	84	ALP
P APRÀ Giulio	Cuneo	07-04-2000	77	ICP
P BARANELLO Giovanni	Brindisi	26-04-2000	94	IME
L BENJUMEA DUQUE Alberto	Duitama	26-03-2000	74	COB
L BERTELLO Andrea	Stony Point, NY	03-05-2000	78	SUE
P BÖSZE György	Budapest	28-03-2000	77	UNG
L CAFOURNEL François	Caen	12-05-2000	86	FRA
P CARRETERO BALLESTEROS Angel	Granada	03-04-2000	88	SCO
P CERRATO Cesare	Bra	25-05-2000	79	ICP
P CHINELLATO Aldo	San Antonio de los Altos	14-05-2000	79	VEN
P CLIFFORD Johan Pieter	Cebu City	06-04-2000	88	FIS
P COENRAETS Paul	Templeuve (Bélgica)	02-05-2000	87	BES
P CORREA Iran	São Paulo	08-04-2000	95	BSP
P COSAERT Gerard	Hoboken	23-05-2000	85	BEN
P CYBULSKI Jan	Rumia	22-04-2000	89	PLN
P DA ROS Serafino	Castelfranco Veneto (TV)	03-04-2000	87	IVE
L de SOUSA José Ribeiro	Goiânia	23-03-2000	76	BBH
P DIAZ COTÁN-PINTO José	Córdoba	07-04-2000	78	SCO
P DOROBIALA Waclaw	Rumia	04-06-2000	89	PLN
P dos ANJOS Adolfo	Itajaí	08-04-2000	83	BPA
P DOTTORE Antonino	Messina	16-05-2000	86	ISI
P DOUGLAS Herbert	Farnborough	16-06-2000	81	GBR
P FANTON Vittorio	Mogliano Veneto (TV)	04-04-2000	85	IVE
P FIORENZA Prospero	Pedara (CT)	21-05-2000	82	ISI
P FUENTES FUENTES José	Sevilha	26-02-2000	77	SSE
L GARCÍA MARTÍNEZ Faustino	Mohernando	19-06-2000	78	SMA
P GARNIER Angelmont	Caen	08-04-2000	87	FRA
P GEBICKI Tadeusz	Lódz	07-04-2000	71	PLE

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P GONZALEZ MIGUEL Adolfo	Arévalo	18-06-2000	78	SMA
P GRZYWACZEWSKI Józef	Sokolów Podlaski	15-04-2000	85	PLE
P GUIMARÃES João Felipe	São Paulo	10-06-2000	70	BSP
P JUHÁSZ Ferenc	Szombathely	03-04-2000	82	UNG
P KIENINGER Helmut	Oberstaufen (Baviera)	28-06-2000	86	GEM
L KIM Francisco (Yang Do)	Seul	23-05-2000	70	KOR
P KUIJKEN François	Liège	06-04-2000	86	BES
P LEANZA Carmelo	Pedara (CT)	21-06-2000	79	ISI
P LISTELLO Beniamino	Turim	11-06-2000	80	ICP
P MARQUEZ Luciano Humberto	San Salvador	16-05-2000	90	CAM
L MARTINEC Martin	Zilina	07-06-2000	70	SLK
P MUÑOZ CASTRO Isidoro	Talca	26-05-2000	79	CIL
L NESPOLI Pedro	Niterói	02-06-2000	88	BBH
P OLIVERO Umberto	Turim	21-06-2000	87	ICP
P PAVICIC Nikola	Zagreb	04-05-2000	91	CRO
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P PEREIRA Manuel	Vila do Conde	06-04-2000	77	POR
P PERONNO Yves	Saint-Brieuc	16-05-2000	79	FRA
L PERROT Michel	Libreville (Gabon)	01-05-2000	54	ATE
P RAITER Zygfryd	Plock	27-06-2000	87	PLE
P RICCIERI Carmelo	Pedara (CT)	09-05-2000	84	ISI
P ROGGIA Felice	Guayaquil	09-05-2000	76	ECU
P SCHNEIDER Marcos	La Plata	14-05-2000	85	ALP
P SIUDA Ludvík Marie	Moravec	13-06-2000	87	CEP
P TALIK Józef	Wolkowyja (Polonia)	29-03-2000	61	PLS
P VANHERCK Emiel	Hoboken	24-05-2000	80	BEN
P VENTURA Domingo Argentino	La Plata	06-04-2000	88	ALP
P WÓJCIK Roman	Dierzoniów	18-05-2000	72	PLO
L WONG Mark	Hong Kong	17-05-2000	89	CIN